



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

SUSY ANNE ALMEIDA CABRAL

**A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES EM CAPAS DE REVISTA:  
UMA INVESTIGAÇÃO SEMIÓTICA DO PLEITO ELEITORAL DE 2010 PARA  
PRESIDENTE**

FORTALEZA

2013

SUSY ANNE ALMEIDA CABRAL

**A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES EM CAPAS DE REVISTA:  
UMA INVESTIGAÇÃO SEMIÓTICA DO PLEITO ELEITORAL DE 2010 PARA  
PRESIDENTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Lopes Leite

FORTALEZA

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca de Ciências Humanas

- 
- C122c Cabral, Susy Anne Almeida.  
A construção de identidades em capas de revista : uma investigação semiótica do pleito eleitoral de 2010 para presidente / Susy Anne Almeida Cabral. – 2013.  
87 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Dissertação(mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2013.  
Área de Concentração: Linguística.  
Orientação: Prof. Dr. Ricardo Lopes Leite.
- 1.Capas de revistas – Brasil. 2.Análise do discurso. 3.Sincretismo(Linguística). 4.Isto é(Revista). 5.Veja(Revista). I.Título.

---

CDD 741.652014

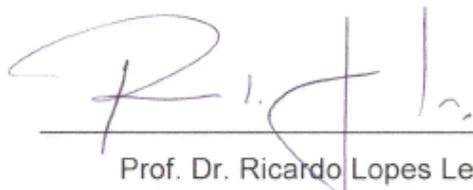
SUSY ANNE ALMEIDA CABRAL

**A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES EM CAPAS DE REVISTA:  
UMA INVESTIGAÇÃO SEMIÓTICA DO PLEITO ELEITORAL DE 2010 PARA  
PRESIDENTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística

Aprovada em: 17 / 01 / 2013.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Ricardo Lopes Leite (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)



Prof. Dr. João Batista Costa Gonçalves  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)



Prof. Dr. José Américo Bezerra Saraiva  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ao meu pai, Sidnei, e, de modo muito especial, à minha mãe, Liduina.

Às minhas irmãs.

Ao Thomas.

A todas as mulheres que lutaram e ainda lutam pelo direito de estudar.

## AGRADECIMENTOS

Ao Deus trino, por fundar o mundo e o homem enunciando, conforme o texto bíblico, e por ter dado à sua criação, sua imagem e semelhança, o poder de também enunciar. O interesse pela linguagem humana, este amálgama de barro e sopro divino, se justifica por tudo o que ela me diz sobre a Palavra que a gerou.

Às minhas irmãs, ao meu pai e à minha mãe, pelo apoio que sempre me deram. Mas agradeço especialmente à minha mãe, porque, se esse curso de mestrado consumiu dois anos da minha vida, consumiu outros tantos da vida da minha mãe. Os elogios que foram feitos a mim em virtude deste trabalho devem-se, antes de tudo, a essa pessoa linda de quem eu tenho a honra e o orgulho de ser filha. Te amo!

Ao meu vô Chico (*in memoriam*) e à minha vó Anginha, pelo estímulo sempre dado.

Ao Thomas, meu amor e meu companheiro, pela vida compartilhada e por ser um desafio à minha inteligência.

Ao professor Ricardo, orientador deste trabalho, pela paciência e pela orientação.

Ao professor Américo, pela orientação conjunta e pelo estímulo.

Ao professor João Batista, por atender tão prontamente o convite para compor a banca.

À professora Mônica, porque a semente primeira desse mestrado em Linguística foi plantada por ela no primeiro semestre da graduação.

Ao professor Nelson Costa, que primeiro assumiu a tarefa de orientar minha pesquisa.

Ao CNPq, pelo financiamento da pesquisa, o que foi de vital importância.

A todos os professores, funcionários e colegas/amigos do PPGL. Quanto a estes últimos, um agradecimento particular ao Vicente, ao Erasmo, ao Zé Roberto, à Camila e à Glenda, pelo companheirismo.

“Então disse Deus: Façamos o homem à  
nossa imagem (...)”  
(Gênesis, 1: 26).

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar, à luz da semiótica greimasiana, a construção de identidades discursivas dos ex-presidenciais Rousseff e Serra em seis capas das revistas semanais *VEJA* e *IstoÉ* do ano de 2010, publicadas no período pré-eleitoral ou eleitoral. Para tanto, valemo-nos do conceito de identidade discursiva compreendido como “imagem-fim”, construída dialogicamente com base nos simulacros que os textos fornecem, tanto de seu enunciador, quanto de seu enunciatário. (SARAIVA, 2008). Tal conceito corresponde, portanto, a uma identidade advinda e resultante do discurso. Ademais, fazemos uso também da metodologia de análise de textos verbovisuais conforme sugerida por Floch (2009), Teixeira (2009) e Pietroforte (2012), segundo a qual, num texto sincrético, como o são as capas de revista, devem ser analisadas as figuras e os temas difundidos verbovisualmente no discurso; as categorias topológicas, eidéticas e cromáticas do plano de expressão plástica; a articulação entre os dois planos da linguagem; a tensividade presente no texto; a estratégia global de comunicação. Quanto ao conceito de sincretismo com o qual se trabalha aqui, podemos afirmar que procede de Hjelmslev (2009) e Greimas e Courtés (2011). Baseando-nos, por conseguinte, nos linguistas mencionados, consideramos as capas de revistas como textos sincréticos porque nelas se manifesta um efeito enunciativo global resultante da articulação de mais de uma linguagem no plano da expressão. Visto que elas servem como porta de entrada para a manipulação do leitor, investigamos como, nesses textos, categorias plásticas do plano da expressão articulam-se com categorias do plano do conteúdo para simular as identidades dos candidatos. Nossos resultados mostraram que essa articulação cria um jogo de imagens que revela, nas escolhas do enunciador, a euforização ou a disforização da imagem de um candidato em detrimento de outro, pois é produzida, discursivamente, a identidade de competente para um deles e de incompetente para o outro.

**Palavras-chave:** semiótica discursiva, identidade discursiva, capas de revista, texto sincrético.

## ABSTRACT

This study aims to analyze, according to greimasian semiotics, the construction of discursive identities of the former president candidates Rousseff and Serra on six covers of *VEJA* and *IstoÉ*, two Brazilian weekly magazines, which were published in 2010, during the pre-election or election term. We understand discursive identity as “end-image”, which is dialogically constructed in texts, based on what is provided about the enunciator and the enunciatee. (SARAIVA, 2008). This concept therefore corresponds to an identity arising and resulting from discourse. Moreover, we also use the methodology of verb-visuals texts analysis as suggested by Floch (2009), Teixeira (2009) and Pietroforte (2012). According to these semioticians, a syncretic text, like magazine covers, should be analyzed through verb-visual figures and themes in the discours; topological, eidetic and chromatic categories of the plastic plane of expression; the relationship between the two planes of language; the tensiveness present in the text; and the global communication strategy. The concept of syncretism comes from Hjelmslev (2009) and Greimas and Courtés (2011). From the semiotic point of view of these linguists, the magazine covers are syncretic texts, which have a global enunciative effect as a result of the articulation among the languages on the plane of expression. Seeing that covers are the first device to manipulate readers, it is of interest to examine in these texts how plastic categories of the plane of expression connect with categories of the plane of content in order to simulate the identities of both candidates. Our results show that this articulation creates an image game which can reveal in the enunciator’s choice whether the candidate is euphoric or dysphorically represented, because it is produced, discursively, the identity of competent to one of the candidates and of incompetent to the other one.

**Key words:** discursive semiotics, discursive identity, magazine’s covers, syncretic text.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Reprodução das capas das edições 2186 de VEJA e 2136 de IstoÉ.....	49
Figura 2 – Configuração eidética das edições 2136 de IstoÉ e 2186 de VEJA.....	54
Figura 3 – Reprodução das capas das edições 2153 e 2161 de VEJA.....	55
Figura 4 – Reprodução das capas das edições 2113 e 2119 de IstoÉ .....	62
Figura 5 – Reprodução das capas das edições 2113, 2117 e 2119 de IstoÉ.....	69

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA SEMIÓTICA DISCURSIVA .....</b>	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>O TEXTO SINCRÉTICO .....</b>	<b>28</b>
<b>3.1</b>	<b>O conceito de sincretismo em semiótica.....</b>	<b>28</b>
<b>3.2</b>	<b>O texto sincrético.....</b>	<b>29</b>
<b>3.3</b>	<b>Propostas de análise do texto sincrético .....</b>	<b>34</b>
<b>4</b>	<b>‘QUEM’ DISCURSIVO: CONCEITOS DE IDENTIDADE, SIMULACRO E IMAGEM.....</b>	<b>38</b>
<b>5</b>	<b>OS PRESIDENCIÁVEIS DE VEJA E ISTOÉ OU A (DES)CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES DISCURSIVAS.....</b>	<b>45</b>
<b>5.1</b>	<b>Dilma vs. Dilma vs. Serra vs. Serra .....</b>	<b>48</b>
<b>5.2</b>	<b>O simulacro da competência dos presidenciais em VEJA.....</b>	<b>54</b>
<b>5.3</b>	<b>Eles por eles, IstoÉ, pelo enunciador.....</b>	<b>62</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>71</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>76</b>
	<b>ANEXO A – CAPA DA EDIÇÃO 2186 DE VEJA (09.10.2010) .....</b>	<b>80</b>
	<b>ANEXO B – CAPA DA EDIÇÃO 2136 DE ISTOÉ (20.10.2010).....</b>	<b>81</b>
	<b>ANEXO C – CAPA DA EDIÇÃO 2153 DE VEJA (24.02.2010) .....</b>	<b>82</b>
	<b>ANEXO D – CAPA DA EDIÇÃO 2161 DE VEJA (17.04.2010) .....</b>	<b>83</b>
	<b>ANEXO E – CAPA DA EDIÇÃO 2113 DE ISTOÉ (12.05.2010) .....</b>	<b>84</b>
	<b>ANEXO F – CAPA DA EDIÇÃO 2119 DE ISTOÉ (23.06.2010) .....</b>	<b>85</b>
	<b>ANEXO G – LOGOMARCA DO PSDB.....</b>	<b>86</b>
	<b>ANEXO H – CAPA DA EDIÇÃO 2117 DE ISTOÉ (09.06.2010).....</b>	<b>87</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A esfera midiática constitui campo de presença onde se desenvolvem relações intersubjetivas de manipulação, pois nela, como em qualquer prática enunciativa e ato de comunicação, enunciadores produzem textos com um dado objetivo para com os enunciatários. Tomando, então, os veículos de comunicação como enunciadores, entendemos que seu *fazer persuasivo* consiste, entre outras coisas, na criação de jogos de imagens que produzem um efeito de verdade que pode levar o enunciatário a aderir a um determinado ponto de vista. Noutros termos, a prática da comunicação midiática é constituída, semioticamente, por um enunciador que, valendo-se de elementos verbais e não verbais, comporá seu discurso com o intuito de captar a atenção do enunciatário e, mais que isso, fazer dele um leitor fiel, que crerá naquilo que lhe é apresentado e fará o que lhe é sugerido.

Dessa forma, podemos afirmar que revistas como *VEJA* e *IstoÉ* assumem o papel de destinadores-manipuladores, enquanto seus leitores, o de destinatários-manipulados. Contudo, para que tal relação de manipulação efetivamente se dê, é preciso que, anteriormente, tenha se estabelecido entre os actantes mencionados um contrato fiduciário. Ou seja, de um lado, *VEJA* e *IstoÉ* constroem seus discursos de modo que eles *pareçam* verdadeiros e críveis para os enunciatários, que, por outro lado, *creem* que tais discursos são verdadeiros. Assim, criam-se as condições mínimas para a persuasão.

No entanto, este contrato está na dependência direta da imagem de si construída pelas revistas, que deverão se mostrar competentes para *informar*, ou seja, equipadas com o poder/saber-fazer-saber, o que depende de um fazer crer, em primeira instância. Afinal, somente após os enunciatários crerem que *VEJA* e *IstoÉ* falam “a verdade” é que aceitarão as informações veiculadas por tais meios de comunicação. Por tal razão, para que o objetivo comunicativo seja eficazmente alcançado, tais revistas, bem como qualquer veículo midiático, constroem para si em seus textos a identidade discursiva de imparciais e objetivas. Igualmente, constroem para o enunciatário uma dada identidade com a qual ele deverá se identificar no processo de interpretação, a fim de garantir a admissão de crenças e valores. Além disso, são tecidas ainda as imagens de quem ou de que se fala, que deverão também ser tomadas como “verdade” ou “fato”.

Neste trabalho, voltamo-nos para tais imagens, isto é, para a construção das identidades discursivas dos actantes do enunciado, não da enunciação, em capas de revista. Ora, as capas servem como porta de entrada para a manipulação, cumprindo indagar, por exemplo, de que modo esse texto sincrético articula categorias de ordem plástica do plano da expressão com categorias do plano do conteúdo na composição de identidades discursivas. Presumimos que essa articulação aumenta a força persuasiva do texto *capa de revista* e, conseqüentemente, pode revelar, nas escolhas do enunciador, a euforização ou disforização da imagem de quem ou de que se fala.

Isto posto, indicamos mais claramente que o que guia nossa pesquisa concerne à construção da identidade discursiva de Rouseff e Serra, na condição de presidenciáveis, em capas de revistas publicadas durante o período eleitoral de 2010. Indagamo-nos qual(ais) simulacro(s) é(são) construído(s) por *VEJA* e *IstoÉ* para Dilma Rouseff e José Serra, nos textos sincréticos mencionados, a partir da articulação de linguagens verbal e não verbal. Sobretudo, questionamo-nos como a articulação entre os elementos de ordem linguística e não linguística vem a constituir tais simulacros. Respeitante à definição de texto sincrético, indicamos, em linhas gerais, que esse tipo de texto, em semiótica, é assim chamado em virtude da articulação de linguagens que o compõe, como se sabe.

Como já colocado, *VEJA* e *IstoÉ*, enquanto enunciadores, querem parecer imparciais ao leitor ou enunciatário. As revistas pretendem apresentar-se como sujeitos do saber que veiculam informações sem preterir ou preferir nenhuma delas. Contudo, enunciar implica tomar posição, seja consciente, seja inconscientemente (FONTANILLE, 2011). Assim, tais textos sincréticos não apenas não são imparciais como também revelam a ideologia<sup>1</sup> do ator de sua enunciação. Nossa hipótese geral é, portanto, a de que a direção argumentativa que os respectivos textos tomam aponta para a constituição de distintas identidades para os dois candidatos a presidente. Cremos poder afirmar que a identidade discursiva da

---

<sup>1</sup> Por ideologia entende-se, neste trabalho, o “conjunto de ideias” e “representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens” (FIORIN, 1988, p. 28). O autor indicado afirma que, “como ela é elaborada a partir das formas fenomênicas da realidade, que ocultam a essência da ordem social, a ideologia é ‘falsa consciência’” (p. 29). De modo mais amplo, ideologia “é uma ‘visão de mundo’, ou seja, o ponto de vista de uma classe social a respeito da realidade, a maneira como uma classe ordena, justifica e explica a ordem social. Daí podemos deduzir que há tantas visões de mundo numa dada formação social quantas forem as classes sociais” (p. 29). Vale lembrar ainda que a ideologia tanto constitui o que se entende por realidade como é constituída por ela.

então presidenciável Rousseff é tecida de maneira que a apresente negativizada ao leitor, por apresentá-la como incompetente e dependente do partido, como mostramos em nossas análises. Em contrapartida, o simulacro tecido para José Serra quer *fazer* o leitor *crer* num candidato competente e, em certa medida, independente do partido do qual era e ainda é membro.

Especificamente, propomo-nos a investigar i) a articulação da linguagem verbal e não verbal na capa de revista quando da construção das identidades mencionadas, ii) como as operações enunciativas acionadas cooperam para essa construção e iii) como as categorias eidéticas, topológicas e cromáticas influenciam a composição das identidades apontadas.

Conjecturamos, então, que i) a articulação das linguagens verbal e não verbal recria na expressão o conteúdo que se pretende transmitir. Assim, por exemplo, quando a revista *quer fazer* o leitor *crer* em uma identidade negativa ou desprestigiada de um dos candidatos, obterá tal efeito de sentido por meio não apenas do que é apresentado linguisticamente, em sentido estrito, mas também por meio dos elementos plásticos. O ponto fulcral de nossa hipótese é que a montagem do plano da expressão enseja algumas possibilidades de interpretação pertinentes ao plano do conteúdo que se quer veicular.

Quanto ao acionamento de operações enunciativas quando da construção identitária, supomos que ii) por meio das breagens<sup>2</sup> os interlocutores<sup>3</sup>, no caso, os presidenciáveis em questão, são responsabilizados por aquilo que é colocado como discursos seus ou ações suas, pois o texto é construído a partir da perspectiva de um enunciador. Esse procedimento coopera para a construção de uma dada invariante discursiva dos interlocutores, pois, se enunciar é já tomar uma posição, é impossível que os enunciadores *VEJA* e *IstoÉ* enunciem de modo imparcial ou neutro. Ainda que, por serem veículos de comunicação, pretendam apresentar-se como imparciais, os enunciadores estarão invariavelmente buscando agir sobre o enunciatário, o que implica parcialidade. Os enunciados produzidos pelos magazines permitem entrever o posicionamento que o enunciador adotou ao concebê-los. Assim é que, cremos, os procedimentos de breagens – operacionalizados verbal e plasticamente – cooperam para a construção de determinadas identidades

---

<sup>2</sup> Mecanismos instauradores de pessoas, espaços e tempos no discurso.

<sup>3</sup> Adiante, a metalinguagem própria da teoria semiótica de linha francesa, que inclui os conceitos de enunciator/enunciatário, narrador/narratário e interlocutor/interlocutário, entre outros, será devidamente apresentada.

discursivas dos, à época, presidenciáveis. Pode-se afirmar iii) que as categorias do plano da expressão determinam, ao menos parcialmente, a construção de identidades na medida em que sua ordenação e disposição planar oferecem ao destinatário-manipulado (ou leitor) um modo de construção do sentido.

No que tange à semiótica discursiva, teoria à luz da qual executamos esta pesquisa, afirmamos que, concebida por Greimas inicialmente na década de 60 do século passado, ela serviu de arcabouço teórico para estudos voltados, a princípio, para uma análise do discurso do ponto de vista linguístico em sentido estrito. Interessava aos semioticistas de então o(s) sentido(s) dos textos revelado(s) por meio da análise do plano do conteúdo. Para que se pudesse desnudar tal plano, concebeu-se o percurso gerativo do sentido, método que, entre outras coisas, possibilitou apreender os textos a partir da perspectiva da ação. A semiótica greimasiana olha, portanto, para a organização narrativa de um texto considerando-a um espetáculo, “um pequeno drama”, porque simula o fazer do homem sobre o mundo. Assim, em uma análise semiótica de textos, era preciso, como ainda é, discriminar participantes da narrativa simulada e identificar-lhes o papel que desempenham.

Ora, por meio de tais considerações, entende-se a adequação de tal arcabouço teórico aos propósitos aqui apresentados. Afinal, “a comunicação é a ação dos homens sobre outros homens, criando relações intersubjetivas e fundando a sociedade.” (FIORIN, 2004, p. 14). Ademais, os estudos recentes em semiótica discursiva têm se voltado para a análise da dimensão plástica do plano da expressão, a despeito de sua complexidade. Tais pesquisas, fundamentadas, sobretudo, nas ideias de Floch, têm analisado essa articulação de linguagens em inúmeros objetos semióticos, como histórias em quadrinhos (PIETROFORTE, 2012; DISCINI, 2009), cartazes de filmes (TEIXEIRA, 2009) e videoclipes (MONTEIRO, 2009), entre outros. No entanto, não são muitos ainda os trabalhos que, valendo-se das propostas de análise de textos sincréticos, abordam exclusivamente capas de revista, apesar da força argumentativo-persuasiva que elas têm. Tampouco, tratam da construção de identidades discursivas neste tipo de texto, objetivo desta pesquisa.

Análises semióticas de textos sincréticos que nos servem como fundamento são as de Hernandez (2001 e 2005), Oliveira (2009), Santos (2007) e Rodrigues (2008), entre outras. Contudo, tais trabalhos, embora toquem em

questões pertinentes à construção de identidades discursivas, não esgotam a questão, evidentemente. Por tal razão, a fim de trazer contribuições para tal campo do conhecimento e de lançar um pouco mais de luz sobre a construção discursiva de simulacros, debruçamo-nos sobre o objeto de estudo aqui apresentado.

Isto posto, afirmamos que esta dissertação, que se pretende alinhada com os avanços em semiótica aos quais aludimos, divide-se em quatro capítulos, além destas considerações iniciais. No capítulo 2, “Fundamentos teóricos da semiótica discursiva”, discutimos alguns conceitos basilares para a semiótica francesa. No capítulo 3, “O texto sincrético”, aproximamo-nos do cerne de nosso trabalho, pois nele definimos texto sincrético e apresentamos a metodologia para deslindar as tramas de textos verbovisuais. No capítulo 4, “‘Quem’ discursivo: conceitos de identidade, simulacro e imagem”, procedemos a considerações sobre nosso objeto de estudo, por meio das quais definimos identidade, simulacro e imagem-fim. No capítulo 5, “Os presidenciáveis de *VEJA* e *IstoÉ* ou A (des)construção de identidades discursivas”, aplicamos todos os conceitos até então discutidos na análise de nosso *corpus*. Tal capítulo é subdividido nos seguintes itens: “*Dilma vs. Dilma vs. Serra vs. Serra*”, “O simulacro da competência em *VEJA*” e “Eles por eles, *isto é*, pelo enunciador”. Por fim, destacamos nas “Considerações Finais” as conclusões a que chegamos e sugerimos possibilidades de continuidade da pesquisa realizada ou, de modo mais geral, em textos sincréticos.

## 2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA SEMIÓTICA DISCURSIVA

“A teoria semiótica deve ser mais do que uma teoria do enunciado (...) e mais do que uma semiótica da enunciação. Deve conciliar o que parece à primeira vista inconciliável, integrando-a numa teoria semiótica geral.”

(GREIMAS; COURTÉS, 2011, p. 456)

Os interesses da Linguística voltaram-se para a sintaxe e a semântica apenas no século XX, conforme Greimas e Courtés (2011). Bréal é apontado como responsável, ainda no século XIX, pelo desenvolvimento dos princípios de uma semântica diacrônica, cujo fito era “estudar as mudanças de sentido das palavras, a fim de investigar os mecanismos que regulam essas alterações.” (FIORIN, 2008, p. 15). Em virtude do desenvolvimento de estudos sincrônicos na ciência da língua e da linguagem, a abordagem diacrônica das pesquisas passou a dar lugar à sincrônica, o que resultou no fato de que os estudos da semântica voltaram-se para a delimitação e análise dos campos semânticos. Tinha lugar, assim, uma semântica lexical, com fins taxionômicos, que, segundo Greimas e Courtés (2011), obteve resultados restritos por não tratar a linguagem a partir de uma perspectiva imanente<sup>4</sup>.

Em 1957, de acordo com Fiorin (2008), Hjelmslev propôs os fundamentos de uma perspectiva estrutural da semântica, com a publicação de *Por uma semântica estrutural*. (1991, p. 111-127). Neste ensaio, o linguista dinamarquês propõe que o objeto da semântica refira-se às relações entre as partes constituintes de um todo, e não ao todo, que, no caso, é o vocabulário. Isto porque, segundo Hjelmslev (1991 *apud* FIORIN, 2008, p. 16), “introduzir a noção de *estrutura* no estudo dos fatos semânticos é introduzir a noção de *valor* lado a lado com a de *significação*”. É neste contexto que se passa a compreender o sentido como filho da relação, ou seja, como resultante das posições ocupadas pelas unidades de um sistema dentro deste mesmo sistema. Para a semântica estrutural, não importaria,

---

<sup>4</sup> Por imanência, deve-se entender o procedimento saussuriano e, posteriormente, hjelmsleviano de não recorrer a fatos extralinguísticos para explicar os linguísticos. Como afirmam Greimas e Courtés (2011, p. 255), “a autonomia da linguística – justificável pela especificidade de seu objeto, afirmada com insistência por Saussure – foi retomada por Hjelmslev sob a forma do **princípio de imanência**: sendo a forma (ou a língua no sentido saussuriano) o objeto da linguística, qualquer recurso aos fatos extralinguísticos deve ser excluído por ser prejudicial à homogeneidade da descrição”.

portanto, o significado propriamente dito, mas a rede de relações que o concebem, isto é, a forma do conteúdo.

Consoante Greimas e Courtés (2011), deu-se, em 1960, passagem a essa semântica, o que ocorreu por meio da utilização dos métodos aplicados até então na análise fonético-fonológica. A partir daí, a semântica estrutural pôde atestar sua importância nos estudos da significação por proporcionar reflexões sobre a teoria da significação e, conseqüentemente, ensejar a semiótica dita discursiva. (GREIMAS; COURTÉS, 2011). O projeto da semântica estrutural, no que diz respeito à descrição exaustiva do plano do conteúdo das línguas naturais, mostrara-se inexecutável, uma vez que tal projeto implicava analisar também exaustivamente a totalidade de culturas da humanidade. Portanto, estabeleceram-se três condições que a semântica deveria satisfazer a fim de prosseguir em seu estudo da significação, a saber:

- a) ser gerativa, o que equivale a dizer que a significação deve ser pensada como resultante de progressivos investimentos contedúísticos que, por sua vez, têm uma disposição teórica em níveis, indo do mais abstrato ao mais concreto, das estruturas invariantes às variantes;
- b) ser sintagmática, em oposição à proposta taxionômica anterior, o que implicava não considerar as unidades vocabulares particulares, mas a produção e a apreensão de discursos;
- c) ser geral, o que concerne ao fato de que o sentido, sendo único, manifesta-se por diferentes planos de expressão, separada ou conjuntamente.

Com o estabelecimento destas condições, o objetivo da semântica estrutural passa a ser o texto concebido como um todo de significação, de modo que o que será estudado respeita à produção e à interpretação textual. Como ensina Fiorin (2008), trata-se de descrever prioritariamente como o sentido é articulado no texto, que mecanismos são agenciados internamente a fim de que ele seja produzido. Atendendo a cada uma das condições apresentadas acima, o estudo da significação volta seu olhar para a estruturação do texto, para os mecanismos responsáveis por seu engendramento, isto é, para seu processo constitutivo que,

teoricamente, ocorre em patamares. Tais patamares dizem respeito aos níveis do percurso gerativo do sentido, discutido adiante. Atenta-se também para a multiplicidade possível de planos de expressão dos textos, já que o conteúdo pode ser manifesto por diversos deles. Trabalha-se assim com uma análise em separado de cada um dos planos, filiando, portanto, o projeto da semântica estrutural às concepções hjelmslevianas, visto que se analisa a linguagem a partir de uma perspectiva imanente, à qual interessa perscrutar as diferenças fundantes do sentido dos textos. Outra consequência dessa opção metodológica – que nos interessa sobremaneira, considerando nosso objeto de estudo e objetivos – refere-se ao interesse por diversos textos: verbais, visuais e sincréticos, entre outros.

Fiorin (2008) afirma que a característica de ser geral faz com que tal semântica deite raízes nas ideias saussurianas sobre semiologia, que, de acordo com o mestre genebrino em seu *Curso de Linguística Geral* (2006), seria a ciência de todos os sistemas de signos. Todavia, dado que Saussure define a *langue* como objeto da Linguística, excluindo assim o discurso<sup>5</sup>, a semântica estrutural distingue-se do projeto semiológico saussuriano por ser justamente o processo sêmico, o discurso que interessa a ela. Nessas circunstâncias, é que a semântica estrutural passa a ser chamada semiótica e a se impor como uma teoria da significação.

Essa identificação da teoria semiótica como uma teoria do discurso torna essencial, em sentido estrito, o trato com a enunciação, compreendida em sentido benvenistiano, vista como “a instância produtora do enunciado, instância logicamente pressuposta pela existência do enunciado e apreensível por meio das marcas que ela deixa nele”, como bem escreve Saraiva (2008, p. 32). Ora, como a semiótica interessa-se pelo fazer do texto e, segundo Fiorin (2008, p. 20), “seu objeto é o texto” também, opta-se por uma integração da enunciação e do enunciado numa teoria geral, como se lê na epígrafe deste capítulo. É detalhando como tal integração se deu que Saraiva (2008), conforme Bertrand (2003), apresenta as três grandes fases da semiótica francesa que, segundo eles, podem ser designadas, respectivamente, pelos termos:

- a) estrutura;
- b) enunciação;

---

<sup>5</sup> Trabalhamos aqui com a concepção de Câmara Jr. de que *parole* deve ser traduzida por *discurso*, e não por *fala*. (CÂMARA JR., 1984).

## c) interação.

O termo caracterizador da fase inicial de desenvolvimento da semiótica – **estrutura** –, ocorrida nos anos 60 e 70 do século XX, deve-se à força das concepções saussurianas e hjelmslevianas sobre as ideias greimasianas, o que implicou uma visão da língua como forma, isto é, desprovida de investigações linguísticas voltadas para o sujeito da fala. Tinha-se por escopo descrever com objetividade os mecanismos linguísticos, de modo que a enunciação era concebida “apenas como instância que converte as potencialidades paradigmáticas do sistema em processo sintagmático.” (SARAIVA, 2008, p. 32).

Nesta primeira fase, na qual se desenvolveu o percurso gerativo do sentido<sup>6</sup>, a semiótica discursiva era, pode-se dizer, uma teoria da performance, cujo fim era “estudar os simulacros da **ação** do homem no mundo presentes nas narrativas.” (FIORIN, 1999, p. 186, grifo nosso). A semiótica trabalhava, então, com dois conceitos complementares de narratividade, a saber: transformação de estados em virtude do agir do homem no mundo e sobre o mundo, bem como estabelecimento de novos estados advindos dessas transformações, operadas pelos participantes da comunicação. Como se vê, para a semiótica discursiva, as estruturas narrativas representam a história do homem, pois os estados alterados, resultado de quebra de contrato entre destinador e destinatário, e os que se estabelecem a partir de tais transformações são produtos da busca humana pelo sentido (BARROS, 2011).

Quanto à segunda fase, vivida nos anos 70 do século passado, deve-se salientar a importância de Benveniste para a relevância central dada à **enunciação**, uma vez que para ele a enunciação é que constitui o objeto de estudo<sup>7</sup>. Aqui a linguagem é vista como atividade enunciativa que, por sua vez, determina as formas linguísticas.

A terceira fase, caracterizada pelo termo **interação** (BERTRAND, 2003; SARAIVA, 2008), distingue-se pela abordagem da dimensão dialógica da linguagem. Concebe-se, então, que a relação intersubjetiva é constituinte do discurso. Cremos poder afirmar que tal concepção encontra também em Benveniste um precursor, já

<sup>6</sup> Considerações pertinentes ao percurso gerativo do sentido serão feitas a seguir.

<sup>7</sup> “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização. (...) É preciso ter cuidado com a condição específica da enunciação: é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto.” (BENVENISTE, 2006, p. 82)

que, segundo o linguista francês mencionado, “o que em geral caracteriza a enunciação é a *acentuação da relação discursiva com o parceiro*, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo.” (BENVENISTE, 2006, p. 87, grifo do autor).

Consideremos com base nisso que, se a primeira fase da semiótica foi marcada pelo trato da performance, as fases segunda e terceira propiciaram, como se pode depreender, uma abordagem da competência modal do sujeito realizador de transformações, por um lado, e da relação intersubjetiva entre destinador e destinatário, por outro. Investigam-se, portanto, as condições que precedem o fazer do sujeito e, conseqüentemente, o sujeito que teve seus estados alterados. Em desenvolvimentos posteriores, passou-se da análise do fazer para o ser, o que implicou considerar, de igual modo, os valores eufóricos ou disfóricos investidos nos objetos em disputa, digamos.

São esses desenvolvimentos da teoria que nos permitem conceber as revistas *VEJA* e *IstoÉ* como enunciadores e destinadores-manipuladores e os leitores como enunciatários e destinatários-manipulados. Aqueles, armados de seu saber/poder-fazer-saber, como já posto, manipulam seu texto-enunciado<sup>8</sup> para que estes, no processo de interpretação, atribuam a ele o estatuto veridictório de verdade. Caso isso efetivamente se dê, pode-se dizer que a manipulação ocorreu.

Para analisar, pois, “as condições da apreensão e da produção do sentido” (GREIMAS; COURTÉS, 2011, p. 455) e, anterior a isso, a relação entre sujeitos subjacente à enunciação, concebeu-se o percurso gerativo do sentido, economia geral da teoria semiótica, que, como tal, não deve ser pensado ontologicamente. Ele corresponde antes a um simulacro metodológico que possibilita ao semioticista descrever os elementos engendrados quando da formação do sentido num dado objeto semiótico, isto é, descrever a relação presente entre eles responsável pela significação.

O termo **percurso** implica “não somente uma disposição linear e ordenada dos elementos entre os quais se efetua, mas também uma progressão de um ponto a outro.” (GREIMAS; COURTÉS, 2011, p. 362). Assim, deve-se pensá-lo como um modelo de análise da construção do sentido composto por três níveis ou patamares, dispostos hierarquicamente. O discurso, portanto, é concebido pela

---

<sup>8</sup> Conceito proposto por Fontanille definido da seguinte maneira: “Um *texto-enunciado* é um conjunto de figuras semióticas organizadas em um todo homogêneo graças à sua disposição sobre um mesmo suporte ou veículo (uni, bi ou tri-dimensional): o discurso oral é unidimensional; os textos escritos e as imagens são bi-dimensionais; e a língua dos sinais é tri-dimensional.” (FONTANILLE, 2005, p. 18).

semiótica de linha francesa como uma “superposição de níveis de profundidade diferente, que se articulam segundo um percurso” ascendente (BARROS, 2001, p. 15), ou seja, que parte de níveis mais abstratos e simples para mais concretos e complexos. Em linhas gerais, esses níveis hierárquicos, do mais simples ao mais complexo, são:

- a) nível fundamental, concernente às estruturas discursivas elementares, no qual a significação é apresentada sob a forma de uma oposição semântica mínima;
- b) nível narrativo, “nível sintático-semântico intermediário” (BARROS, 2002, p. 15), em que a narrativa é organizada do ponto de vista de um sujeito;
- c) nível discursivo, mais próximo à manifestação textual, em que um sujeito da enunciação assume a narrativa e o discurso ganha concretude por meio de figuras.

Vale ressaltar que o percurso gerativo do sentido é da alçada do plano do conteúdo e que a dimensão plástica do plano da expressão é analisada por categorias que lhe são exclusivas. Além disso, é necessário também frisar que a análise semiótica de textos busca a homologação entre os planos, visto que o texto, como mostraremos adiante, surge da função entre o plano da expressão e o plano do conteúdo.

Metodologicamente, pode-se afirmar que escrutinar um texto por meio do percurso oferece, por um lado, a possibilidade de acessar as estruturas invariantes das narrativas e, por outro, as variantes que as revestem, suas realizações concretas. Como aponta Fiorin (1999, p. 180), discorrendo sobre a origem propiana do percurso gerativo do sentido, o objetivo greimasiano ao concebê-lo era “identificar um número finito de unidades diferenciais e de regras combinatórias responsáveis pelo engendramento das relações internas”, ou seja, “definir a estrutura da narrativa”. Ora, para identificar tais estruturas invariantes, é preciso tocar primeiro nos elementos variáveis que as recobrem. Desse modo, o percurso gerativo do sentido contempla o discurso como estrutura e como acontecimento.

É digno de menção ainda que cada um dos níveis apontados acima possui uma sintaxe e uma semântica. Na sintaxe fundamental, estão em oposição

as categorias semânticas mais elementares e abstratas que ordenam um texto. Por operações de negação e asserção suscitam-se relações de contraditoriedade, complementaridade e contrariedade, gerando termos complexos ou neutros. Tais operações são realizadas no quadrado semiótico, modelo quaternário próprio da metalinguagem semiótica, como é consabido, cuja eficácia metodológica consiste em mostrar o “ponto de partida do percurso de geração de todo discurso, linguístico ou não”, assim como em “representar as relações semânticas em sua dimensão paradigmática e propiciar-lhes a sintagmatização pelas operações orientadas.” (BARROS, 2001, p. 23).

Quando tais elementos em oposição tornam-se valores, entramos no domínio da semântica fundamental. Aqui, os elementos em oposição são eufórica ou disforicamente axiologizados, de modo que, quando organizados do ponto de vista de um sujeito, a categoria semântica euforizada será aquela que se busca no texto. O elemento disforizado, em contrapartida, será aquele que se evita. À guisa de exemplificação, fazemos notar que, no texto das capas, os actantes Serra e Rousseff procuram a categoria semântica euforizada, ou seja, a /competência/, compreendida aqui como o *poder-ser* presidente, que só pode ser dado a eles, em última instância, pelo (e)leitor. O outro valor que ambos rejeitam corresponde a /incompetência/.

A sintaxe do nível narrativo, por sua vez, é concebida como um simulacro do fazer do homem no mundo, transformando-o, ou seja, a concepção espetacular da sintaxe, peculiar à semiótica discursiva, concerne a esse espetáculo do agir do homem no e sobre o mundo em que vive ao qual temos acesso por meio de um simulacro. A semântica narrativa, por seu turno, é a instância em que os valores virtuais apontados na semântica fundamental são atualizados em função de sua inscrição em objetos com os quais os sujeitos estão ou entrarão em conjunção ou disjunção. Dito de modo mais simples, é na semântica narrativa que os elementos semânticos são selecionados e relacionados a sujeitos, o que se dá por meio da inscrição de tais elementos como valores em objetos.

Neste nível, a narrativa, simulacro do fazer humano, subdivide-se em quatro fases, a saber: manipulação, competência, performance e sanção, relacionadas umas às outras por implicação. Em outras palavras, o que se tem nesta sintaxe é um destinador-manipulador guiando um destinatário-manipulado para um dado fazer. Para este fazer, é preciso, evidentemente, um dado saber ou poder

fazer. Munido disto é que o destinatário-manipulado poderá executar sua performance e, posteriormente, ser julgado positiva ou negativamente em função dela pelo destinador-julgador.

Atinente à semântica narrativa, asseveramos que aqui os objetos buscados pelos sujeitos ou são modais, ou são de valor. Os objetos modais constituem pré-requisitos para a aquisição dos objetos-valor, objetivo último do agir narrativo do sujeito. Segundo Fiorin (1999, p. 184), “é exatamente nos conteúdos investidos em objetos que se dá a articulação entre o nível fundamental e o nível narrativo. Os conteúdos de nível fundamental são concretizados nos objetos do nível narrativo”. Assim, por exemplo, o objeto de valor que Serra e Rousseff buscam corresponde à Presidência, contudo, ser eleito ou, antes, parecer competente aos (e)leitores é um dos objetos modais de que necessitam, pois cada um deles corresponde a *poder-ser*.

No nível discursivo, as estruturas narrativas abstratas são concretizadas, ou seja, um sujeito da enunciação – composto por enunciador e enunciatário – assume os esquemas narrativos, convertendo-os em discurso. Lida-se aqui com a imagem produzida **no e pelo texto** de cada um dos constituintes da enunciação, por isso já dissemos que analisar a identidade dos enunciadores implica apreender sujeitos construídos pelo discurso.

No âmbito sintático deste nível, pode-se falar em actantes da enunciação e do enunciado, correspondentes, é consabido, a enunciador e enunciatário, narrador e narratário e interlocutor e interlocutário. Em nosso trabalho, *VEJA* e *IstoÉ* atuam como enunciadores e narradores, enquanto os actantes Serra e Rousseff são os interlocutores. Em contrapartida, o leitor de tais revistas sincretiza os papéis de enunciatário, narratário e interlocutário.

Concernem ainda ao campo sintático do nível discursivo as projeções da enunciação no enunciado, respeitantes às breagens, e os procedimentos de que se vale o enunciador para persuadir o enunciatário da “veracidade” do seu discurso. Assim, instauram-se no discurso tempo, espaço e atores, e a partir dessa instauração é que se tem acesso aos efeitos de sentido daí advindos. É nesta perspectiva que a semiótica de linha francesa aborda a argumentação inerente à comunicação humana. Todos os efeitos de sentido construídos num discurso concorrerão para um dado *fazer-crer* ou *não-crer*, já que, na prática discursiva, o

enunciador quer que o simulacro de si seja aceito, bem como as outras imagens ali “desenhadas”.

Desse modo, pode-se falar em **debreagem enunciativa** e **enunciva**, assim como em **embreagem enunciativa** e **enunciva**. A debreagem define-se como a operação de disjunção do sujeito, do espaço e do tempo da enunciação e a projeção no enunciado de um *não eu*, um *não aqui* e um *não agora*, segundo Fiorin (2008). Portanto, é decomposta em debreagem actancial, temporal e espacial e, por meio dela, no enunciado são instaurados um sujeito, um lugar e um tempo da enunciação. A debreagem enunciativa colabora com a criação de um efeito de sentido referente à subjetividade, pois instaura “no enunciado os actantes da enunciação (*eu/tu*), o espaço da enunciação (*aqui*) e o tempo da enunciação (*agora*)”. A debreagem enunciva, por sua vez, propicia um efeito de sentido de objetividade, visto que instala “no enunciado os actantes do enunciado (*ele*), o espaço do enunciado (*algures*) e o tempo do enunciado (*então*).” (FIORIN, 2008, p. 25-26, grifo do autor). Internamente a um texto, o narrador pode também debrear seu discurso enunciativa ou enuncivamente, configurando debreagem interna. Conforme podemos observar, o mecanismo de debreagem consiste em pluralizar a instância de discurso, a fim de que possa comportar, ainda que virtualmente, uma infinidade de espaços, tempos e atores.

Ao contrário da debreagem, que expulsa da instância da enunciação os termos categóricos (atores, tempo e espaço) do enunciado, a embreagem consiste em um “[...] efeito de retorno à enunciação, produzido pela suspensão da oposição entre certos termos da categoria da pessoa e/ou do espaço, e/ou do tempo, bem como pela denegação da instância do enunciado.” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 159-160).

Com isso, produz-se a impressão de identificação entre as categorias de pessoa, espaço e tempo do enunciado e da enunciação. Temos uma embreagem actancial quando ocorre uma neutralização da categoria de pessoa (por exemplo, quando a própria presidente da República, hipoteticamente, diz “A presidente da República não mede esforços para preservar a democracia.”, há uma neutralização da oposição *eu/ela*). Na embreagem temporal, temos a neutralização da categoria de tempo (quando, por exemplo, neutralizamos a oposição entre pretérito perfeito e presente do indicativo com o objetivo, segundo Fiorin (2011), de criar o efeito de sentido de aproximação do passado, para, de certa forma, revivê-lo). Já na

embreagem espacial, neutraliza-se a categoria de espaço (como exemplo, temos a utilização do verbo “vir”, que remete ao espaço da enunciação: “Todos os reis responderam [...] que eles teriam muito prazer de *vir* ao congresso”).

Fiorin (2011) distingue ainda a embreagem enunciativa da enunciva. Na primeira, o termo debreante é tanto enunciativo como enuncivo, mas o embreante é enunciativo. O autor fornece o seguinte exemplo: “Em Minas o futuro é agora.”, em que se nega a posterioridade com a concomitância enunciativa. Na segunda, o termo debreante pode ser enunciativo ou enuncivo, mas o termo embreante é necessariamente enuncivo. Desse modo, no caso de uma embreagem actancial, por exemplo, nega-se a subjetividade, pondo-se em relevo a terceira pessoa em detrimento da primeira.

Aplicando tais conceitos aos periódicos de que tratamos, indicamos que, quando lemos nas páginas publicitárias da própria revista *VEJA* o enunciado “Assine *VEJA!*”, estamos diante de uma embreagem actancial, pois anula-se a oposição entre *eu* e *ela*, criando-se um efeito de sentido de objetividade. É importante ainda lembrar que todo ato embreante pressupõe uma debreagem, que lhe é logicamente anterior. Segundo Greimas e Courtés (2008, p. 160), “é impossível conceber a embreagem total; ela equivaleria a apagar toda marca do discurso, seria a volta ao inefável”.

No tocante à semântica discursiva, lembramos que a tematização e a figurativização concernem a procedimentos de concretização do sentido, por materializarem, digamos, as estruturas narrativas. A tematização corresponde ao processo que dissemina pelos programas e percursos narrativos – sob a forma de temas, naturalmente – os valores da semântica fundamental atualizados pela semântica narrativa. É este mecanismo que possibilita a figurativização do discurso. Tema, na condição de investimento semântico conceptual, pode ser compreendido como categoria organizadora dos elementos do mundo natural, os quais, por seu turno, correspondem às figuras. O conceito de figura refere-se a conteúdos de línguas naturais ou sistemas representacionais com correspondentes perceptíveis no mundo natural<sup>9</sup>, dado ser de sua natureza a atribuição de “traços de revestimento sensorial” (BARROS, 2005, p. 69) aos percursos temáticos abstratos. São as

---

<sup>9</sup> Vale lembrar que o mundo natural aludido no contexto acima não se limita ao mundo efetivamente existente, como cremos, mas também a mundos naturais fictícios. Dessa forma, Darth Vader, vilão máximo da saga *Star Wars*, de George Lucas, é uma figura do texto que é o conjunto da hexalogia mencionada.

redundâncias sêmicas peculiares a temas e figuras que gerarão a isotopia do texto (TATIT, 2011). Valendo-nos de Bertrand (2003, p. 421), podemos definir isotopia, em linhas gerais, como “recorrência de um elemento semântico no desenvolvimento sintagmático de um enunciado, que produz um efeito de continuidade e permanência de um efeito de sentido ao longo da cadeia do discurso”.

Encerrando nossas considerações sobre o percurso gerativo do sentido, salientamos, em concordância com Fiorin (1999), que ele não constitui uma moldura fixa à qual deve se submeter todo e qualquer texto. Ele constitui um método de análise discursiva, como colocado acima, que permite expor as variantes e as invariantes de cada texto. Ademais, ressaltamos que não nos detivemos longamente no simulacro metodológico da semiótica discursiva em virtude de ele ser amplamente conhecido pela comunidade de semioticistas.

Faz-se necessário agora relevarmos que, embora tais noções permaneçam fundamento da semiótica de linha francesa, as análises contemporâneas não se limitam apenas ao plano do conteúdo. Atualmente, os semioticistas debruçam-se sobre as particularidades da expressão em sua relação com o conteúdo, ou seja, investiga-se de que modo a organização da expressão coopera para a construção do sentido. Tal posicionamento se justifica pela compreensão de que a estruturação da expressão, deliberadamente organizada por um enunciador, cumpre o papel de concretizar temas e produzir efeitos de realidade. É preciso deixar claro que não se entende por expressão apenas o plano da expressão das línguas naturais, mas também o plano da expressão visual ou plástico – de textos como quadros ou esculturas – e verbovisual – de textos como filmes ou capas de revistas.

Mais recentemente ainda, a semiótica discursiva tem-se voltado para as paixões, de modo que, se anteriormente falava-se numa semiótica da ação, contemporaneamente fala-se em semiótica das paixões<sup>10</sup>. Tenta-se, por meio da análise tensiva de textos, alcançar o ser e a dimensão contínua do sentido, enquanto, por meio do percurso gerativo do sentido, o propósito é alcançar as ações do ser e, portanto, a descontinuidade.

Barros (2007) esclarece que tais desenvolvimentos teóricos concernem ao aquém do discurso, cujos estudos revisam as ditas estruturas de partida do

---

<sup>10</sup> Título do livro de Greimas e Fontanille que lança as bases para uma semiótica das paixões.

percurso gerativo do sentido e suas precondições. O estudo dessas estruturas, determinadas tensivo-foricamente, permite analisar os efeitos estésicos e sensoriais dos textos, como brevemente pincelamos acima. A abordagem do plano da expressão em sua relação com o plano do conteúdo é chamado pela autora de além do discurso, tangente ao nível propriamente textual e, por conseguinte, já não mais referente ao percurso gerativo do sentido.

Pietroforte (2011, p. 11) chama a atenção para o fato de que tais ramificações – semiótica das paixões, semiótica semissimbólica, semiótica tensiva, semiótica plástica, entre outras – não fazem com que a semiótica dita greimasiana deixe de ser greimasiana. “Desde que definam a significação como objeto de estudo e o façam de acordo com o percurso gerativo do sentido, trata-se do desenvolvimento do ponto de vista proposto por Greimas”.

Barros (2007), num artigo intitulado, vale ressaltar, *Rumos da Semiótica*, assevera que a semiótica constitui “um projeto teórico em construção” cujo objeto de estudo concerne aos “**processos** da significação” (p. 13, grifo nosso), de tal modo que refazer-se, retificar-se, consertar-se, modificar-se, desenvolver-se não a demovem de sua proposta inicial. É da natureza da semiótica, conforme a autora, reconstruir-se teoricamente, “pois essa é a única forma de manter-se o ‘rumo’”. (p. 14).

Por último, no que tange à concepção greimasiana de texto, asseveramos que ela remonta às ideias hjelmslevianas, pois diz respeito à função semiótica que estabelece a solidariedade entre um plano de expressão e um plano de conteúdo (FIORIN, 2008). Fontanille (2011, p. 85) acrescenta ainda que é texto “aquilo que se dá a apreender, o conjunto dos fatos e dos fenômenos que ele [o semioticista] se presta a analisar”. Por conseguinte, esse conceito não se restringe à expressão de significantes verbais, pois aquilo que se dá a apreender pode ser, por exemplo, um espetáculo de dança ou uma pintura. Assim, “o texto resulta de um primeiro conjunto de operações – delimitação, segmentação, estabelecimento dos dados – aplicadas ao fluxo contínuo da produção semiótica concreta”.

Tais noções de texto nos servem de modo muito conveniente, dado que, em primeiro lugar, permitem-nos considerar capas de revista como textos. Afinal, nelas há um plano de expressão em função com um plano do conteúdo. Em segundo lugar, elas nos dão licença para trabalhar com textos sincréticos, visto que o plano de expressão de capas de revista, sabe-se, constitui-se de elementos

verbais e não verbais, caracterizando, portanto, sincretismo de linguagens. Sobre tal assunto debruçamo-nos em nosso próximo capítulo.

### 3 O TEXTO SINCRÉTICO

#### 3.1 O conceito de sincretismo em semiótica

A concepção de sincretismo da qual a semiótica discursiva parte encontra-se nos *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* (2009), de Hjelmslev. Nesta obra, o linguista dinamarquês aborda o sincretismo de acordo com a gramática tradicional e a fonologia, definindo-o como o “fato de que, em certas condições, a comutação entre duas invariantes pode ser suspensa” ou, ainda, como a “categoria estabelecida por uma superposição” (HJELMSLEV, 2009, p. 93) em qualquer um dos planos da língua.

Hjelmslev une, portanto, em uma categoria, denominada sincretismo, dois fenômenos linguísticos: a neutralização, concebida como suspensão de oposições entre termos marcados e não marcados, e a presença de mais de uma marca expressa em forma fonética. Como exemplo do primeiro caso, citamos o uso em língua portuguesa do vocábulo *dia*, que tanto pode significar apenas o período compreendido entre as cinco horas da manhã e as seis horas da tarde<sup>11</sup> como pode significar o período de 24 horas, ou seja, *dia* e *noite*. O vocábulo *noite*, por seu turno, faz referência somente ao espaço de tempo sem incidência solar. Mencionamos ainda a “mutação suspensa entre os fônicos /o/ e /u/ em posição átona final” (FIORIN, 2009, p. 18), que permitiria um eventual trabalho estilístico com as palavras ‘peito’ e ‘nu’. Segundo Fiorin, na posição apontada, /o/ e /u/ constituem sincretismo, pois à comutação de /o/ por /u/ em posição átona final no plano da expressão não corresponde nenhuma alteração no plano do conteúdo.

O segundo caso pode ser exemplificado com o nominativo e o acusativo do gênero neutro em língua alemã. O artigo definido correspondente é *das*, que terá essa forma tanto no primeiro quanto no segundo caso, como se pode ver nas sentenças a seguir: “Das Mädchen lächelt.” e “Ich kenne das Mädchen.”<sup>12</sup>. É digno de nota, porém, que Coseriu (1980), valendo-se desses mesmos exemplos<sup>13</sup>, faz distinção entre neutralização e sincretismo, visto que, assim argumenta, no primeiro

---

<sup>11</sup> Aqui, levamos em consideração apenas o fuso horário e o clima cearenses.

<sup>12</sup> Respectivamente, “A moça/menina sorri.” e “Eu conheço a moça/menina.”.

<sup>13</sup> À exceção das orações em alemão apresentadas.

fenômeno não há variação contedutística, enquanto no segundo a distinção existente apenas não ocorre na expressão.

Greimas e Courtés (2011), por seu turno, definem sincretismo “como o procedimento (ou seu resultado) que consiste em estabelecer, por superposição, uma relação entre dois (ou vários) termos ou categorias heterogêneas, cobrindo-os com o auxílio de uma grandeza semiótica (ou linguística) que os reúne.” (GREIMAS; COURTÉS, 2011, p. 467). Assim, quando em um dado programa narrativo, o sujeito do fazer ocupa também a posição de sujeito de estado, pode-se afirmar que há sincretismo de actantes. Portanto, há também sincretismo nos papéis actanciais desempenhados por *VEJA* e *IstoÉ*, uma vez que são, ao mesmo tempo, sujeitos do fazer e destinadores-manipuladores. Os semioticistas supracitados esclarecem ainda que semióticas sincréticas são aquelas “que – como a ópera ou o cinema – acionam várias linguagens de manifestação; da mesma forma, a comunicação verbal não é somente de tipo linguístico [...]”, mas constituída também de elementos paralinguísticos<sup>14</sup>.

Floch (1985), um dos precursores do estudo das categorias plásticas dos textos sincréticos, com o intuito de deixar a conceituação mais clara e precisa, declara que “as semióticas sincréticas constituem seu plano de expressão – e mais precisamente a substância do seu plano de expressão – com elementos que dependem de várias semióticas heterogêneas”. Para ele, este tipo de semiótica constitui um todo de significação, de modo que há um único conteúdo e diferentes substâncias da expressão.

### 3.2 O texto sincrético

Com base nisso, entende-se porque consideramos capas de revistas como textos sincréticos. Esse tipo de texto constitui-se pela relação de elementos heterogêneos – o linguístico, o cromático, o pictórico etc. – resultando numa única grandeza semiótica final. Dito de outro modo, o texto sincrético constitui-se de diferentes materialidades do plano da expressão estruturadas numa forma única para veicular um todo de sentido. O que alinha ou, melhor, sincretiza essas

---

<sup>14</sup> “Consideram-se paralinguísticas grandezas do domínio das semióticas não linguísticas, produzidas em concomitância com as mensagens orais ou gráficas das línguas naturais.” (GREIMAS; COURTÉS, 2011, p. 360).

diferentes substâncias da expressão numa única forma capaz de produzir um efeito de sentido único é a estratégia enunciativa que subjaz à organização textual. O enunciador, apoiado no que quer comunicar ao enunciatário, ordenará sincreticamente seu texto de modo que todas as linguagens ali presentes – verbais ou não – produzam um efeito de sentido coerente e coeso.

Conforme assegura Fiorin (2009, p. 38), o que se tem, de fato, é uma enunciação sincrética operada por um único e mesmo enunciador, isto é, “uma estratégia global de comunicação, que se vale de diferentes substâncias para manifestar, na textualização, um conteúdo e uma forma da expressão”. Daí o autor preferir utilizar o termo texto sincrético em vez de semiótica sincrética.

Conforme mencionado acima, apesar da complexidade de análise da dimensão plástica da expressão, diversos estudos contemporâneos em semiótica greimasiana estão voltados para a articulação de linguagens em textos. Como diz Barros (2011), os estudos semióticos não têm deixado de lado os procedimentos da expressão fabricantes dos efeitos de sentido. Teixeira e outros autores (2009) apresentam propostas de análise da dimensão plástica da expressão que tomam em consideração:

- a) as figuras e os temas difundidos verbovisualmente no discurso;
- b) as categorias topológicas, eidéticas e cromáticas do plano de expressão plástica;
- c) a articulação entre os dois planos da linguagem;
- d) a tensividade presente no texto;
- e) e a estratégia global de comunicação.

De acordo com esses autores, por meio de figuras e temas pode-se depreender a organização sêmio-narrativa do texto, concebido como um todo de significação organizado internamente, enquanto as categorias topológicas, eidéticas e cromáticas, discutidas detalhadamente a seguir, permitem-nos considerar, respectivamente, a disposição espacial dos elementos no suporte planar do texto, as retas e/ou linhas que se estabelecem entre os distintos elementos do todo e as cores do texto. No que tange à tensividade, analisa-se em quais valores presentes no texto investe-se mais ou menos tonicidade. A partir, então, das relações entre todos esses elementos, podemos fazer considerações atinentes ao modo como a

estratégia de enunciação sincrética é tecida no texto sincrético e como, evidentemente, os dois planos da linguagem são articulados.

No que concerne às categorias topológicas, eidéticas e cromáticas, é preciso que fique claro que tais categorias dizem respeito apenas ao plano da expressão plástica, ou seja, o plano do conteúdo é abordado por meio do percurso gerativo do sentido. Além disso, é necessário também que se compreenda o seguinte: parte-se do plano do conteúdo para analisar o plano da expressão, uma vez que esta é a expressão daquele, seu meio de manifestação. Em razão disso, em nossa análise, procederemos primeiro às considerações pertinentes ao plano do conteúdo, para, então, tratarmos do plano da expressão verbovisual. Feita tal ressalva, tratemos de expor as categorias referidas acima.

Como, por vezes, o que primeiro atrai a atenção num texto sincrético é a disposição espacial dos elementos no suporte do texto, abordamos agora a categoria topológica, atinente a tal espacialidade, como já colocado. Citamos, assim, Greimas (2004, p. 86), porque não lograríamos definir de maneira mais rica tal categoria:

Enquanto a leitura do texto escrito é linear e unidimensional (da esquerda para direita ou o contrário) e permite interpretar a fala especializada como uma sintagmática achatada, a superfície pintada ou desenhada não revela, mediante nenhum artifício ostensivo, o processo semiótico que se pensa estar aí inscrito. O quadro surge como o único ponto de partida seguro, possibilitando conceber um crivo topológico virtualmente subjacente à superfície que se oferece à leitura: as categorias topológicas, “retilíneas” umas (como alto/baixo ou direito/esquerdo), “curvilíneas” outras (como periférico/central ou circunscrite/circunscrito), bem como seus derivados e compostos, crivam, partindo daquilo que ela não é, toda a superfície enquadrada traçando aí os eixos e/ou delimitando aí as regiões, cumprindo com isso dupla ação, a de segmentar o conjunto em partes discretas e igualmente a de orientar eventuais percursos sobre os quais se acham dispostos os diferentes elementos de leitura.

Fazer uso das categorias topológicas possibilita, portanto, apreender o texto verbovisual ou somente visual como que num quadro, para que se possa discretizá-lo. Torna-se possível analisar de que modo a alocação de um dado elemento plástico na parte /alta/ ou /baixa/ de um texto interferem na composição do sentido, bem como sua disposição /central/ ou /periférica/. Mostraremos que a topologia dos textos de nosso *corpus*, como é próprio dos textos jornalísticos, revela muito da identidade discursiva dos enunciadores e dos interlocutores do enunciado, porque permite ver – considerando, evidentemente, o encadeamento do todo textual – a que se confere maior ou menor importância, por exemplo.

Considerando ainda que textos plásticos possuem formas e cores, podemos falar, respectivamente, em categorias eidéticas e cromáticas. Greimas (2004) afirma que a oposição entre elas corresponde ao antagonismo, digamos, entre gráfico e pictural. Assim, reiteramos: as categorias cromáticas concernem às cores componentes do texto, enquanto as eidéticas, às retas e/ou linhas que se estabelecem entre os elementos do texto.

O mestre lituano (GREIMAS, 2004, p. 87-88) atenta para o fato de que a diferença entre categorias plásticas cromáticas, topológicas e eidéticas de um texto não residem na materialidade do significante, ou seja, na substância, mas na sua apreensão relacional, isto é, “na função que o leitor atribui a este ou àquele termo com relação aos demais”. O sentido surge, afinal, da diferença de elementos que entram em relação. Diz ainda o semioticista que essa articulação não esgota a análise da dimensão plástica do plano da expressão, pois da combinação dessas unidades mínimas podem surgir configurações mais complexas que constituem uma verdadeira “trama”, que se revela por meio de tensões e de isotopias na superfície construída.

Como exemplo de uma análise de textos verbovisuais, citamos, em linhas gerais, a análise flochiana (FLOCH, 2009) do anúncio da campanha de lançamento do cigarro “News”. O respectivo anúncio publicitário foi tecido com um sincretismo de elementos tão bem intrincado que somente uma análise que homologasse, ponto por ponto, plano de expressão e plano de conteúdo poderia deslindar, de fato, a riqueza da totalidade textual composta. No exame do anúncio, Floch (2009) procede ao isolamento da dimensão plástica e debulha cada uma de suas peculiaridades, para, em seguida, esclarecer como se dá sua articulação com a dimensão figurativa e com o enunciado linguístico propriamente dito presente nele. Assim, são consideradas a composição gráfica, a composição cromática e a disposição espacial não apenas do texto como uma totalidade, mas também dos elementos que o compõem. A isto se chamou significante do anúncio. Posteriormente, aborda-se o significado do anúncio, partindo de signos, palavras e imagens que constituem a manifestação, isto é, trata-se aqui da dimensão figurativa da peça publicitária. Por fim, discutem-se as propriedades do componente verbal, correspondente às expressões “international News”, “full flavor special blend”, “20 filter cigarettes” e “Take A Break In The Rush”, relacionando-as à dimensão visual. Floch (2009, p. 163) conclui afirmando que a elaboração de tal anúncio fez dele

um enunciado muito próximo dos enunciados míticos ou sagrados que, usando do mesmo tipo de discurso, ao mesmo tempo sintaxicamente abstrato e semanticamente figurativo, produzem um efeito de sentido de verdade.

Acrescentamos que a coerência teórica de sua análise confere ao método uma unidade singular e, por isso, constitui para nós uma baliza das análises que aqui realizaremos.

Ressaltamos ainda que no texto sincrético podem ocorrer também relações semissimbólicas entre os planos da linguagem. Nesse caso, a significação se dá pela correspondência de categorias e não de elementos isolados. Em outras palavras, “os dois termos de uma categoria do significante podem ser homólogos àqueles de uma categoria do significado” (FLOCH, 1985, p. 14-15)<sup>15</sup>, o que faz a relação entre plano da expressão e plano do conteúdo deixar de ser imotivada ou convencional. Assim, os temas do conteúdo são concretizados sensorialmente pela expressão, de modo que, conforme Barros (2011, p. 82), o mundo discursivizado possa ser percebido de modo distinto do usual, pois, por meio do semissimbolismo, instaura-se “um *novo saber sobre o mundo*”.

Como exemplo de análise de texto semissimbólico citamos Pietroforte (2012), que, analisando a história em quadrinhos *Umbigo*, de Roko, demonstra como se constrói nesse texto a relação semissimbólica entre as categorias *identidade vs. alteridade*, do plano do conteúdo, e *ponto vs. linha*, do plano da expressão. Ou seja, plasticamente, a personagem principal da história em questão, que figurativiza a identidade, é manifestada por meio de pontilhados, dentre outros elementos da expressão. Paralelamente, a multidão que divide o espaço da história com ela, por sua vez, figurativizadora da alteridade, manifesta-se por meio de linhas.

Outro exemplo ainda concerne à análise do texto que abre a reportagem “A bola rola solta na cadeia” (PIETROFORTE, 2012), por meio da qual o autor elucida as relações semissimbólicas entre categorias fonológicas, plásticas e semânticas instauradoras do sentido do texto. No texto em questão, é sintagmatizado, no plano da expressão da fotografia, o paradigma *uniforme vs. multiforme*, cuja projeção sintagmática é orientada pela categoria *superior vs. inferior*. Semelhantemente, na frase “A bola rola solta na cadeia”, é sintagmatizado o

---

<sup>15</sup> *Les deux termes d'une catégorie du signifiant peuvent être homologues à ceux d'une catégorie du signifié.*

paradigma *vogal anterior vs. vogal posterior*. No plano do conteúdo, por sua parte, é complexificado o paradigma *liberdade vs. opressão* tanto na fotografia como na frase dada. Essa imbricação sincrética entre verbal e não verbal, que organiza categorias da expressão em função de uma mesma categoria do conteúdo, confere ao texto um estatuto semiótico de poeticidade, pois, como apontado acima, a categoria semântica a reger a semiótica verbal e a não verbal corresponde à *liberdade vs. opressão*.

Fiorin (1999) afirma que o estudo das relações semissimbólicas proporciona desenvolvimentos teóricos e analíticos à semiótica discursiva. Aqueles propiciam a discussão do “papel da percepção sensorial na produção do sentido” (p. 194) e estes, acurácia no exame das relações entre expressão e conteúdo, o que, logo, enseja uma melhor compreensão de textos sincréticos.

Isto posto, consideremos agora trabalhos voltados para a análise de textos verbovisuais que adotam as categorias de análise aqui discutidas.

### **3.3 Propostas de análise do texto sincrético**

Hernandes (2001 e 2005) analisa textos sincréticos sob a perspectiva da semiótica greimasiana e aborda, entre outros elementos, as estratégias persuasivas presentes nos textos jornalísticos estudados. Embora tenhamos dito que nosso foco é analisar a construção da identidade discursiva, hemos de convir que desnudar essa identidade e o modo de sua elaboração no texto implica, ainda que indiretamente, conhecer a estratégia de persuasão que subjaz a ela.

No primeiro trabalho, o autor se propôs a analisar as estratégias persuasivas utilizadas pela revista *VEJA* ao abordar o tema do emprego e/ou desemprego no Brasil, considerando para tanto todo o periódico, capa, conteúdo e peças publicitárias, relacionando-os sempre uns aos outros. No segundo, são analisados diversos veículos midiáticos, com o fito, em linhas gerais, de propor um modelo semiótico de análise próprio de objetos jornalísticos, a fim de produzir conhecimentos sobre o jornalismo. Nossos intentos, por sua vez, não são voltados para esta área da comunicação. Dado que nossos objetivos concernem ao âmbito da ciência linguística, consideramos sobremaneira os mecanismos enunciativos de instauração de pessoa, espaço e tempo e evidenciamos como eles são corroborados pelos elementos de ordem plástica, construindo um todo de sentido

que funciona como estratégia de persuasão do enunciatário para um dado crer e um dado fazer. Somos conscientes de que Hernandez (2001 e 2005) também procede a essa homologação, considerando, porém, por um lado, todo o periódico *VEJA* e, por outro, diversas mídias, enquanto atemo-nos a duas revistas, *VEJA* e *IstoÉ*, e, mais especificamente, a suas capas.

Mencionamos também Oliveira (2009), momento em que a autora, após exaustiva discussão teórica, procede à análise da sincretização dos elementos apresentados na parte superior da página frontal do jornal francês *Le Monde*, datado de 19 e 20 de dezembro de 2004. Embora todos os textos inseridos no macrotexto indicado – como charges, disposição de matérias internas ao jornal, reprodução de texto publicado em uma edição de 1944, entre outros – tenham sido abordados, pareceu-nos haver preferência pela análise do plano da expressão do macrotexto, em detrimento de sua homologação com o plano do conteúdo. Melhor explicando: ao tratar, por exemplo, da logomarca de *Le Monde* em diversos momentos históricos, reputa-se ao uso das maiúsculas, às suas dimensões e ao seu negrito um caráter incisivo e definido que corresponderia à “construção opinativa caracterizadora de seu modo de presença no mundo midiático francês e internacional.” (OLIVEIRA, 2009, p. 117). cremos que mesmo as considerações feitas posteriormente quanto ao efeito sobre o leitor da articulação de elementos verbovisuais realizada no jornal e quanto à articulação em si não permitem sustentar a relação entre o grafismo da logomarca e o modo de presença do jornal no cenário midiático. Provavelmente porque a interação discursiva é tratada do ponto de vista da estesia e da enunciação, o que é muito bem apresentado e discutido no artigo, o foco da análise predomina sobre as qualidades plásticas da materialidade do texto-enunciado, considerando a relação enunciadador-enunciatário. Aquelas qualidades, de acordo com a autora, é que desencadeiam as impressões estésicas que orientarão o processamento do sentido por parte do enunciatário.

Concordamos com a afirmação da autora concernente ao poder desencadeador de efeitos estésicos e de sentidos que a plasticidade textual sincrética possui, de modo que também nos voltamos para ela, porém, é preciso lembrar que a abordagem de efeitos estésicos lança mão do percurso gerativo do sentido como aparato analítico colaborador da análise do plano da expressão. Atemo-nos ao percurso devido ao fato de as preocupações iniciais da semiótica discursiva dizerem respeito *a priori* ao conteúdo, como já posto, e, sobretudo, à

necessidade de homologação entre plano da expressão e plano do conteúdo, indispensável na construção do texto sincrético, assim como de qualquer texto.

Trabalhos importantes para nossa pesquisa são os de Santos (2007) e Rodrigues (2008). Na primeira dissertação, o autor tem por alvo analisar a construção do sentido em textos jornalísticos por meio da relação sincrética estabelecida entre os sistemas verbal e visual. Assim, é investigado o papel desempenhado pelo sincretismo nas estratégias enunciativas e argumentativas adotadas pelos respectivos enunciadores com o propósito de influenciar seus enunciatários. Um ponto interessante neste estudo é a utilização do percurso gerativo do sentido como ferramenta de compreensão e descrição da totalidade textual como manifestação sincrética. No item “A instauração do sujeito”, chega-se à conclusão de que a construção do enunciador, denominação dada no trabalho ao procedimento de instauração discursiva do sujeito enunciador, é operada por meio das breagens manifestas tanto verbal quanto visualmente, isto é, sincreticamente. De acordo com Santos (2007, p. 17), o jornal Folha de São Paulo é apresentado de modo objetivo, como “sujeito e senhor de seu discurso”, visto que, por exemplo, a diagramação, própria do plano de expressão não verbal de textos jornalísticos, confere ao jornal um distanciamento do que é veiculado nele e, por conseguinte, objetividade – o que coopera para a construção de uma ilusória identidade imparcial do veículo midiático mencionado, muito conveniente à imprensa.

Quanto ao jornal Agora São Paulo, os mesmos recursos apontados no parágrafo anterior criam um efeito oposto, a saber, de subjetividade. Como afirma Santos (2007, p. 27), trata-se de “um enunciador que exhibe sua virilidade dado o apelo erótico das mulheres seminuas em suas segundas páginas e das colunas sobre sexo”. Esse estudo, porém, não se detém nos aspectos das operações enunciativas fundamentais para se perceber a identidade construída. Além disso, a construção do que chamamos identidade discursiva – tema de nosso próximo capítulo – não constitui, em si, o foco da pesquisa mencionada. Abordar a construção dos simulacros, construídos no e pelo discurso, parece-nos de grande importância, pois, de acordo com Greimas e Courtés (2011, p. 252), é a identidade que confere ao indivíduo o poder permanecer no seu ser, “ao longo de sua existência narrativa, apesar das modificações que provoca ou sofre”. Em virtude desse caráter central próprio da identidade, consideramos relevante fazer dele tema de nossa pesquisa.

Rodrigues (2008), por seu turno, aborda duas mídias audiovisuais no que tange à construção do gosto dos destinatários femininos e masculinos; assim sendo, temos aqui uma análise da construção de simulacros. Intenta-se sondar como tais simulacros inscrevem-se nas estruturas discursivas e sêmio-narrativas dos programas televisivos que compõem o título da obra, a saber, *Superbonita* e *Contemporâneo*. Para tanto, o autor procede a uma análise centrada no nível discursivo, sobretudo na figurativização dos interlocutores presentes nos programas, e na manipulação operada ou que se pretende operar por meio deles. Pareceu-nos, porém, novamente, que o foco de tal análise diz respeito às propriedades estéticas dos textos, preterindo aparentemente uma abordagem deles sob a perspectiva do percurso gerativo do sentido. A nosso ver, o tratamento do plano de expressão verbal na composição dos simulacros mencionados parece ser feito de modo um tanto superficial. Ora, são os enunciados produzidos nas entrevistas em concomitância com os recursos visuais todos que desenham, por assim dizer, os simulacros, de modo que não se pode preferir um em detrimento do outro. Se, para a semiótica greimasiana, o que importa é a totalidade textual, é preciso considerar o texto como signo analisável em suas estruturas de significação. Dessa forma, faz-se necessário tratar de ambos os planos que o compõem e, se necessário, dos componentes de cada plano. Em se tratando de plano de expressão sincrético, é preciso que tanto seu componente verbal quanto plástico sejam considerados na análise, como já vimos defendendo. É isto que nos propomos a fazer em nosso trabalho. As considerações, contudo, de ordem estética e concernentes ao plano da expressão plástica que Rodrigues (2008) desenvolveu serão de grande valor para nossa pesquisa.

Fundamentando-nos, pois, nas categorias de análise da semiótica discursiva que permitem analisar o plano do conteúdo e nas concernentes à dimensão plástica do plano da expressão, analisaremos as capas das revistas *VEJA* e *IstoÉ* para explicitar a construção da identidade discursiva dos presidentes Rousseff e Serra. Antes, porém, discutimos como a semiótica greimasiana concebe identidade discursiva, simulacro e imagem.

#### 4 'QUEM' DISCURSIVO: CONCEITOS DE IDENTIDADE, SIMULACRO E IMAGEM

“[...] é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito.”

(BENVENISTE, 2005, p. 286).

A epígrafe que coroa este capítulo aponta para o papel performático da linguagem (SARAIVA, 2011), isto é, para a (des)criação de mundos e sujeitos via discurso, do que tratamos neste capítulo. Para a semiótica greimasiana, por meio da prática enunciativa constitui-se aquele que enuncia, bem como o mundo enunciado ou, ainda, discursivizado. Dito de outra forma, é no ato enunciativo que as identidades de quem enuncia, para quem enuncia e sobre o que se enuncia são compostas. Antes de prosseguirmos, à semelhança do procedimento realizado por Saraiva (2011), lembramos o leitor de que por prática enunciativa não fazemos referência a línguas ou idiomas naturais, mas ao que concerne ao âmbito “das estruturas erigidas na própria percepção” (p. 2). Aludimos, isto sim, à concepção de linguagem como conjunto significante, consoante Greimas e Courtés (2011), que, por sua parte, respeita à apreensão do mundo em sua significação. Ou seja, ao perceber o mundo, o sujeito que o percebe categoriza-o, articula-o em conjuntos significantes ou linguagens. Por tal razão, os semioticistas supracitados asseveram que toda linguagem é articulada, o que equivale a dizer que é constituída de elementos que se opõem e se diferenciam uns dos outros. Como mostraremos adiante, essas noções de oposição e diferenciação são responsáveis também pela constituição de identidades e simulacros.

Isto posto, faz-se necessário que definamos simulacro, segundo Greimas e Courtés (1986). Como se sabe, há duas definições para tal termo. Uma é tangente a modelo e, de acordo com ela, por exemplo, podemos entender o percurso gerativo do sentido como modelo de produção e interpretação do sentido. A outra se refere a “tipo de figuras, com o componente modal e temático, por meio das quais os *actantes da enunciação* se deixam mutuamente apreender, uma vez projetados no quadro do discurso enunciado.” (p. 206, grifo nosso). Ora, como se vê, tal acepção traz à baila o contato, por assim dizer, estabelecido por meio do discurso entre os actantes envolvidos na situação comunicativa. Evidentemente, também estão em questão as identidades que eles constroem de si. Trata-se aqui, portanto, conforme

Saraiva (2011), do sujeito semiótico landowskiano, que se deixa definir da seguinte maneira (LANDOWSKI, 1992, p. 168, grifo do autor):

não é uma substância, nem mesmo a emanção (o reflexo) de uma substância primeira que lhe seria exterior e que o determinaria. E se ele não é substância, é porque é uma forma, ou o produto de uma organização formal (discursiva), um *efeito de sentido* que tomaremos, à vontade, como o pressuposto ou a resultante do discurso realizado.

Tal citação deixa claro, por um lado, que não interessa à semiótica de linha francesa o sujeito de carne e osso, apreendido ontologicamente, mas o sujeito nascido e vivente no e por meio do discurso. A única maneira de fazer o sujeito real importar para a semiótica discursiva seria considerá-lo como “outro texto”, já que os objetos de interesse da semiótica greimasiana são o texto e o fazer do texto. Como ainda afirma o pesquisador francês (LANDOWSKI, 1992, p. 169):

o semioticista, enquanto tal, não tem nada a dizer sobre o ser último das coisas; sua ambição se limita a descrever a organização e o funcionamento destas, contanto pelo menos que as “coisas” a serem levadas em consideração existam também (ou primeiramente – pouco importa) “na linguagem”, isto é, desde que elas signifiquem. O “sujeito” é bem dessa ordem.

Por outro lado, o texto citado também faz entender que, se o sujeito semiótico é um efeito de sentido, ele é, logicamente, um simulacro, cuja construção é um dos procedimentos fundamentais da enunciação (SARAIVA, 2011). Afinal, para manipular e persuadir o enunciatário, o enunciador, a partir de um ponto de vista, faz-lo-á crer em determinadas identidades discursivas, como as do próprio enunciador e enunciatário, entre outras. Por tal razão é que se pode afirmar que o sujeito da enunciação, sincretismo dos actantes citados, é já um simulacro.

Atentemos, contudo, para o fato de que, no jogo discursivo, tomam parte não apenas as identidades discursivas dos actantes da enunciação, mas também do enunciado. *VEJA* e *IstoÉ*, na condição de enunciadores e destinadores-manipuladores, estão municiadas de *querer*, *saber* e *poder-fazer-criar* naquilo que enunciam – e anunciam – como verdade, de modo que o enunciado é construído e, por conseguinte, também manipulado para tal fim. Assim, “no fazer enunciativo [...] são construídos simulacros actanciais tanto na instância da enunciação quanto na do enunciado.” (SARAIVA, 2011, p. 6). Em outros termos, ao voltar-se para a

interação subjetiva própria dos actantes da comunicação e para as imagens-fim<sup>16</sup> que eles se dão de suas competências respectivas, o conceito de simulacro corresponde também às imagens-fim dos actantes do enunciado, uma vez que estas nada mais são do que desdobramentos das projeções da enunciação no enunciado.

Em nossa pesquisa, como já colocado, procedemos à análise das identidades discursivas dos actantes do enunciado, isto é, dos interlocutores Dilma Rousseff e José Serra. Indiscutivelmente, investigar a construção dessas identidades redundaria na consideração das que concernem aos actantes da enunciação, no caso, dos enunciadores. Entretanto, nosso escopo primeiro tem por foco os simulacros dos interlocutores.

Perceber-se-á que abordamos as ditas identidades isoladamente e em comparação uma com a outra, ou seja, evidenciamos, por exemplo, como é construída a imagem de Rousseff num texto específico e comparamo-la com a imagem tecida para Serra em outra capa de revista. Isto se justifica com o fato de as noções de oposição e diferença serem relevantes, e mesmo essenciais, para a conceituação semiótica de identidade.

Greimas e Courtés (2011, p. 252) definem identidade em oposição à alteridade, isto é, ambos os conceitos são interdefiníveis, de modo que não se tem acesso a um sem o outro. Segundo os autores, o conceito de identidade presta-se à designação do “princípio de permanência que permite ao indivíduo continuar o ‘mesmo’, ‘persistir no seu ser’, ao longo de sua existência narrativa, apesar das modificações que provoca ou sofre”. É por meio dos “procedimentos de anaforização”, pela recorrência de traços do conteúdo, que constatamos esse princípio de permanência, bem como a *identificação*<sup>17</sup> de um ator no decurso de sua existência discursiva.

Além disso, os semioticistas mencionados nos ensinam ainda que (GREIMAS; COURTÉS, 2011, p. 251):

por oposição à igualdade que caracteriza objetos que possuem exatamente as mesmas propriedades qualitativas, identidade serve para designar o traço ou o conjunto de traços (em semiótica: semas ou femas) que dois ou mais objetos têm em comum.

---

<sup>16</sup> Conceito apresentado adiante.

<sup>17</sup> Uma das fases do fazer interpretativo do enunciatário, em que ele identifica o universo do discurso (ou parte dele) com seu próprio universo de valores e crenças.

O conceito em tela pode também ser concebido como *imagem-fim*, a qual, segundo Saraiva (2008, p.12), se dá a conhecer por meio da “recorrência do dizer, no dito, sobretudo quando ela se constrói dialogicamente com base nos simulacros que os textos fornecem, tanto de seu enunciador, quanto de seu enunciatário”. Trata-se, portanto, reiteramos, de uma identidade advinda e resultante do discurso e, por isso, chamada discursiva.

Vale convocar aqui a conceituação deste termo pela Análise do Discurso francesa (AD). Segundo Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 266), para definir identidade é preciso recorrer às noções de sujeito e alteridade, aquela dizendo respeito à “existência do ser pensante como o que diz ‘eu’” e esta, à necessária existência do outro para a constituição do sujeito. Os autores mencionados afirmam ainda que o sujeito falante “se caracteriza por um certo número de traços que lhe conferem uma certa identidade como produtor de um ato de fala”. Por identidade discursiva em sentido estrito, a AD entende a identidade “do sujeito enunciador, que pode ser descrita com a ajuda de categorias *locutivas*, de *modos de tomada da palavra*, de *papéis enunciativos* e de *modos de intervenção*.” (p. 266-267, grifo do autor).

Embora haja alguma concordância entre os conceitos da AD francesa e da semiótica discursiva, por uma questão metodológica, optamos pelos conceitos greimasianos.

Assim sendo, em nossas análises, apontamos as recorrências ou os semas que se repetem nos textos-enunciados componentes de nosso *corpus* e que constroem uma dada isotopia figurativa e/ou temática para os respectivos interlocutores. Quanto à comparação entre as identidades correspondentes, cremos ser tal procedimento de fundamental importância porque, como demonstrado, a identidade se define pela alteridade e vice-versa. Recorrendo mais uma vez a Landowski (2002), cremos poder afirmar que a identidade discursiva tecida para Serra, à guisa de exemplificação, assim é feita não apenas por meio do que os enunciadores *VEJA* e *IstoÉ* dizem deste interlocutor ou, ainda, do que ele próprio diz de si. Ela é constantemente (re)definida em relação à imagem de Dilma Rousseff e vice-versa. Se ambos parecem ser apresentados como iguais em função da condição de presidenciáveis, supostamente imparcialmente apresentados pelas revistas, um é distinto do outro por meio da atribuição de conteúdo às diferenças que os separam. Corroborando, portanto, o conceito dado acima, identidade e alteridade

apenas existem em relação, de modo que só há sentido em falar de uma se se lançar mão da outra.

É preciso agora que se diga que os mecanismos enunciativos pelos quais os simulacros são criados, na linguagem verbal, concernem às breagens, isto é, aos mecanismos de debreagem e embreagem, já explicitados. Plasticamente, o plano da expressão acompanha as respectivas breagens realizadas, como a sugerir, em consonância com Pietroforte (2012), um percurso gerativo da expressão. Tal hipótese coaduna-se com a necessidade de homologação entre plano da expressão e plano do conteúdo, defendida pela semiótica discursiva e aqui já comentada.

Nesta altura, convém deixar claro que, ao falarmos de identidade discursiva, simulacro ou imagem-fim, não nos referimos, diretamente, ao conceito de *ethos* discursivo, empregado na Análise do Discurso de linha francesa, dado que ele, consoante Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 221, grifo do autor), “mantém relação estreita com a *imagem prévia* que o auditório pode ter do orador ou, pelo menos, com a ideia que este faz do modo como seus alocutários o percebem”. Assim, pode-se afirmar, com base nos autores citados, que a Análise do Discurso trabalha com as noções de *ethos* prévio ou pré-discursivo, considerando elementos extradiscursivos<sup>18</sup>. Tal postura teórica é evitada pelas opções metodológicas da semiótica greimasiana, que prefere analisar o *ethos* como um modo de presença de um sujeito que discursa e redundando em traços recorrentes de conteúdo e expressão e que produz um efeito de individualidade, como defende Discini (2009).

É prudente esclarecer também o uso que fazemos do termo *imagem*. Greimas e Courtés (2011, p. 254) afirmam que, “em semiótica visual, a imagem é considerada uma unidade de manifestação autossuficiente, como um todo de significação, capaz de ser submetido à análise”. Considerando-se isso, desdobra-se daí o conceito de imagem para a semiótica planar, que corresponde a um texto-ocorrência, analisável como objeto semiótico. Seguindo, então, tal raciocínio, o conceito de imagem da semiótica planar corresponde à instauração de conotação veridictória, ou seja, à instauração do efeito de realidade, componente de um ‘faz de conta’ textual. Quando dizemos, portanto, que *VEJA* e *IstoÉ* conferem uma determinada imagem a Rousseff e Serra, não nos referimos a uma fotografia dos

---

<sup>18</sup> Embora tenhamos conhecimento de que essa noção de *ethos*, reconhecida problemática pelos próprios analistas franceses Charaudeau e Maingueneau (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 221), tenha sido retomada e reelaborada em trabalhos posteriores, optamos por valermos-nos dela em virtude de sua presença na obra de referência que é o *Dicionário de Análise do Discurso*.

presidenciáveis de 2010 e não a entendemos, segundo Pietroforte (2011, p. 33), como “aquilo que se pode ver”. Trata-se de imagem do conteúdo, da criação do efeito de ilusão referencial ou de conotação veridictória referido acima, que, operado por um enunciador, tem por fim manipular o enunciatário para um dado fazer. A imagem confere, então, ao todo textual um /parecer-ser/ verdadeiro, autorizando-o perante seu leitor.

Isto posto, reiteramos que a construção da identidade discursiva de Rousseff e Serra nas capas de revista é feita verbal e plasticamente, o que nos leva a analisar a *articulação* desses diversos elementos do plano de expressão. Assim, faz-se indispensável em nosso texto uma pequena digressão sobre tal conceito: semioticamente, “articulação designa, de modo geral, qualquer atividade semiótica do enunciador ou – considerando o resultado dessa atividade – qualquer forma de organização semiótica (...)” (GREIMAS; COURTÉS, 2011, p. 37). Desse modo, quando falamos em articulação de linguagem verbal e não verbal em capas de revistas, referimo-nos à organização semiótica de elementos plásticos e linguísticos, em sentido estrito, configurando o que se chama de texto sincrético, como já exposto, e que procede da atividade semiótica de um enunciador, correspondente, em nosso trabalho, a *VEJA* e/ou *IstoÉ*.

No que tange a essa articulação ou, melhor, à dimensão plástica do plano da expressão na composição da identidade discursiva do enunciador *VEJA*, Hernandez (2001) utiliza o conceito de identidade visual, que se elabora, em termos gerais, pela diagramação do periódico (inteiro, considerando o recorte metodológico operado por ele). O autor reputa a essa identidade um papel de estratégia de fidelização, cujo objetivo é tornar o destinatário familiarizado com a mídia com a qual lida. Por conseguinte, em função da familiarização, o enunciatário, em seu fazer interpretativo, potencialmente identifica seu universo discursivo com o do enunciador (GREIMAS; COURTÉS, 2011).

Abordamos, portanto, a identidade discursiva, como faz o autor paulista citado no parágrafo anterior, porém sob outro ponto de vista: o da identidade dos interlocutores dos textos, apontando, eventualmente, para o desenho da identidade dos enunciadores. Valemo-nos também do conceito de imagem-fim (SARAIVA, 2008), aplicando-o à construção identitária de que falamos. Ampliamos, dessa forma, o número de estudos semióticos voltados para a análise de capas de revista, comprovando, mais uma vez, a eficácia do método em análises desses textos.

Assim, no próximo capítulo analisamos, por um lado, as operações de breagens já expostas e, por outro, as categorias plásticas do plano de expressão, a fim de identificar de que modo ambas as categorias cooperam sincreticamente para a construção de identidades nas capas de revista, para a construção do sentido, enfim, que o texto gera.

## 5 OS PRESIDENCIÁVEIS DE *VEJA* E *ISTOÉ* OU A (DES)CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES DISCURSIVAS

Neste trabalho, consideramos somente capas das edições de *VEJA* e *IstoÉ* i) publicadas no período eleitoral ou pré-eleitoral do ano de 2010 e ii) que anunciam matérias ou entrevistas relativas à candidata do Partido dos Trabalhadores (PT) e ao candidato do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Os demais candidatos não foram inseridos em nossa pesquisa em virtude de, por um lado, Rousseff e Serra terem chegado ao segundo turno, o que lhes confere maior destaque em relação aos outros presidenciais, e, por outro, por ter sido sobretudo em torno deles que a campanha política do ano mencionado tornou-se polêmica. Exatamente, serão analisadas as capas<sup>19</sup> das seguintes edições dos respectivos periódicos, totalizando seis textos:

- a) *VEJA*: 2153 (24.02.2010), 2161 (17.04.2010) e 2186 (09.10.2010);
- b) *IstoÉ*: 2113 (12.05.2010), 2119 (23.06.2010) e 2136 (20.10.2010).

As capas das referidas edições foram escolhidas em virtude de comporem, de certo modo, pares de capas que, por serem semelhantes, podem ser analisadas conjuntamente. Como explicado no capítulo anterior, a construção da identidade discursiva de um dado interlocutor é feita em função também do simulacro do outro, o que requer uma comparação.

Nossa opção pelos periódicos citados deve-se à importância social e mesmo cultural de que gozam no tocante à formação de opinião do brasileiro médio. Obviamente, com o uso das palavras *importância* e *médio* não temos por fim estabelecer juízos de valor; trata-se apenas de reconhecermos que, entre as revistas semanais que se prestam a comentar fatos políticos, culturais, sociais, comportamentais, educacionais etc., *VEJA* e *IstoÉ* figuram entre as mais vendidas do País<sup>20</sup>, estando aquela, segundo Hernandez (2001), na primeira posição. Portanto, assumimos que tais periódicos desfrutam, em alguma medida, de influência sobre a sociedade, de modo que se pode falar – ainda em concordância

---

<sup>19</sup> Reproduções das capas encontram-se em anexo.

<sup>20</sup> Tal informação pode ser comprovada em: <<http://www.aner.org.br/Conteudo/1/artigo42424-1.asp>>. Acesso em: 04 set. 2012.

com Hernandes (2001), embora tal afirmação em seu texto seja referente apenas a *VEJA* – em formação de opinião, de fato<sup>21</sup>.

Quanto aos valores que tais revistas vendem, podemos afirmar que:

- a) no que tange a *VEJA*, propriedade do grupo Abril Cultural, Hernandes (2001) aponta a defesa dos valores capitalistas e neoliberais;
- b) no tocante a *IstoÉ*, publicada pela Editora 3, pode-se afirmar com base em Gonçalves (2008) que essa revista posiciona-se a favor dos interesses econômicos elitistas, o que se evidencia, por exemplo, por meio de sua postura contrária a movimentos sociais, conferindo-lhes um caráter sensacionalista e negativo.

Baseando-nos nisto, partimos do pressuposto de que, ideologicamente, as revistas cujas capas analisamos são similares, embora, como demonstramos a seguir, a uma sucede melhor que a outra construir uma imagem de imparcial.

Concernente à escolha do assunto tratado nas capas das revistas, isto é, o período eleitoral federal de 2010, afirmamos: a relevância histórica de tal pleito ultrapassa – permita-nos a expressão – a “simples” eleição de um/a novo/a dirigente político (para considerarmos apenas a votação para presidente). Isto se deve ao fato de ser lembrada como a eleição em que, pela primeira vez, uma mulher foi eleita presidente do Brasil e em cujo período eleitoral foram disseminados por diversas plataformas midiáticas, sobretudo pela Internet, boatos e escândalos referentes a questões como legalização do aborto, denúncias de desvio de verbas de campanhas políticas, informações a respeito do passado guerrilheiro da atual presidente e posições teístas ou ateístas dos presidenciáveis, entre outras. Tais características fizeram desse pleito federal um dos mais extraordinários da história do Brasil, segundo o jornalista Mino Carta (2010).

Por essas razões, cremos ser relevante e necessário que a comunidade acadêmica brasileira debruce-se sobre esse evento histórico a fim de analisá-lo sob as mais diversas perspectivas próprias das Ciências Humanas. Em concordância com Barros (2007), que aponta como um dos objetivos principais dos estudos em

---

<sup>21</sup> As editoras de tais revistas são conscientes de seu poder de manipulação. No site da revista da Editora 3, responsável por *IstoÉ*, pode-se, inclusive, ler o seguinte: “A Editora Três tem compromisso constante com seus leitores. [...] *É por meio de nossas revistas que eles obtêm informações e formam suas opiniões*”. Disponível em: <<http://editora3.terra.com.br/sobrenos.php>>. Acesso em: 20 fev. 2012.

semiótica “o conhecimento discursivo das estruturas cognitivas do homem e do homem como ser social e cultural” (p. 17), debruçamo-nos sobre este recente momento histórico a fim de propiciar, na medida em que a semiótica de linha francesa e o alcance de nossa pesquisa permitirem, um melhor conhecimento do espaço social brasileiro.

Antes, porém, de levar a efeito nossas análises, relembramos o leitor de alguns pontos teóricos já comentados:

- a) concebemos a capa de revista como texto sincrético, cujo sentido é, naturalmente, composto por elementos tanto de ordem linguística como de ordem plástica;
- b) tais elementos verbovisuais compõem o sentido do texto precisamente porque entram em relação uns com os outros, ou seja, as identidades de Rousseff e Serra são construídas discursivamente mediante a articulação feita pelo enunciador de elementos verbais com elementos plásticos;
- c) semioticamente, somente a análise da articulação de linguagens possibilita desconstruir as identidades discursivas presentes no texto e ter algum acesso à instância da enunciação;
- d) a análise do plano do conteúdo é feita por meio do percurso gerativo do sentido e a do plano da expressão por meio das categorias de análise de textos verbovisuais.

Concluindo esta introdução, afirmamos que, primeiro, tratamos de uma capa de *VEJA* e outra de *IstoÉ*. Em seguida, abordamos duas capas de duas edições distintas de *VEJA* e, por último, duas de *IstoÉ*. Tal procedimento justifica-se pelo fato de, como já dito, as capas em questão comporem, de certo modo, pares, permitindo-nos trabalhar com três duplas.

### 5.1 Dilma vs. Dilma vs. Serra vs. Serra

Iniciamos nossas análises com as capas das edições 2186 de *VEJA* e 2136 de *IstoÉ*, publicadas, respectivamente, em 09 de outubro e em 20 de outubro de 2010. Vejamos tais capas, apresentadas abaixo<sup>22</sup>:



**Figura 1:** Reprodução das capas das edições 2186 de *VEJA* e 2136 de *IstoÉ*.

Inicialmente, o que nos chama a atenção é a semelhança entre as duas capas, no que diz respeito à disposição dos elementos que as compõem. Vemos que as capas são divididas em dois retângulos de igual tamanho, um em oposição ao outro, nos quais há uma fotografia e uma citação de cada presidenciável.

Em termos topológicos, recebem destaque os retângulos vermelho e azul, localizados no alto da capa. Tal disposição planar parece indicar, de partida, uma escolha do enunciador para manipular o leitor, uma vez que é preciso virar a revista para que se possa ler bem o que está escrito no retângulo inferior. Como não bastasse, os retângulos superiores chamam mais a atenção dos leitores porque são coloridos, ao contrário dos retângulos inferiores, brancos. Sendo assim, o que está na parte superior da capa é lido em primeiro lugar; o que está na parte inferior, em segundo.

<sup>22</sup> Anexos A e B.

Além disso, a disposição topológica dos elementos das capas promove o jogo da veridicção. Os enunciadores querem fazer os enunciatários lerem os retângulos superiores como verdadeiros. Várias são as estratégias para que se estabeleça esse jogo de verdade ou mentira. Começemos com o retângulo vermelho de Dilma Rousseff, onde lemos: “Acho que tem de haver a descriminalização do aborto. Acho um absurdo que não haja.”. Abaixo da citação lê-se: “**Dilma Rousseff**, em 04 de outubro de 2007”. Na capa de José Serra, o retângulo priorizado apresenta o seguinte enunciado: “Não sei quem é Paulo Preto. Nunca ouvi falar.”, abaixo do qual consta: “**José Serra**, no dia 11 de outubro, sobre Paulo Vieira de Souza, acusado de desviar R\$ 4 milhões da campanha do PSDB”.

Em termos enunciativos, ocorre uma debreagem enunciativa actorial, em que os enunciadores *VEJA* e *IstoÉ* conferem, no plano do enunciado, voz aos interlocutores em questão, produzindo, assim, o efeito de objetividade e imparcialidade. Entretanto, embora falem em discurso direto nas capas, Rousseff e Serra não falam por si, verdadeiramente, mas pelos narradores, *VEJA* e *IstoÉ*. As revistas, por meio de tais estratégias, querem fazer os leitores crerem que a Dilma *verdadeira* é a Dilma a favor do aborto, enquanto o Serra *verdadeiro* é o Serra mentiroso. Isto é reforçado nos retângulos coloridos pela debreagem enunciativa actorial interna presente nas falas dos dois presidentes, marcada pelas expressões em primeira pessoa “eu acho” e “não sei”.

No que diz respeito aos retângulos brancos, temos, ao contrário do retângulo vermelho, Rousseff expressando sua postura contra a descriminalização do aborto, porque o considera uma violência. Serra, por sua vez, afirma, no quadro em azul, não conhecer Paulo Preto, para, em seguida, assegurar, no quadro em branco, que evidentemente “sabia do trabalho do Paulo Souza”, que é muito competente.

Temos aqui os enunciadores lançando a suspeição sobre os actantes do enunciado e, conseqüentemente, gerando a dúvida no enunciatário. Em outros termos, *VEJA* e *IstoÉ*, ao apresentarem citações divergentes dos presidentes, estabelecem uma tensão entre verdade e mentira ou, se preferirmos, entre o *ser* e o *parecer*. O enunciatário é, então, instado a julgar a verdade do discurso de Rousseff e Serra, uma vez que não se sabe de antemão qual das duas faces está sob a égide do *parecer* ou do *ser*.

Cabe também aos elementos da dimensão cromática das capas em análise, ao lado dos elementos já abordados, deixar patente que a imagem de imparcialidade de *VEJA* e *IstoÉ* é apenas aparente. Considerando o primeiro quadro, vemos que a foto de Rousseff está diluída no vermelho do plano de fundo do retângulo, o que nos leva a supor uma integração entre o actante do enunciado e o significado desse vermelho. A cor vermelha neste texto remete ao tema do aborto, citado no enunciado de Rousseff neste retângulo, na medida em que figurativiza, por implicação (se aborto, então sangue), o sangue. Contudo, há outra isotopia construída por essa integração de elementos verbais e não verbais, a saber, a do discurso político, construída pela relação metonímica entre Rousseff e o PT, que se identifica historicamente com a cor rubra. Tal alusão faria da opinião da então presidenciável a opinião de um partido inteiro.

Percebe-se, assim, que o enunciador *VEJA* constrói uma imagem negativa para aquela que institui como sua interlocutora, pois, por meio dos elementos plásticos mencionados, *imerge-a* em sangue, valendo-se para isso também do fato de que, segundo *VEJA*, ela própria afirma ser “um absurdo” não haver a descriminalização do aborto. A segunda hipótese, que se refere à postura de um partido inteiro, pode ser também mantida em virtude de a esquerda, além de simbolizada pela cor vermelha, tradicionalmente lutar para que o aborto seja descriminalizado e legalizado. De toda forma, a articulação de elementos plásticos e verbais produz uma imagem disfórica de Rousseff.

No retângulo inferior, a imagem de Rousseff está sobre o fundo branco, o que revela uma não integração entre a imagem dela e a cor branca. Expressa-se deste modo um distanciamento entre a imagem de Rousseff e sua opinião contra o aborto, que, desta vez, é tido como violência. Com isso, reforça-se também no segundo quadro a posição da candidata a favor do aborto, mas também a neutralidade da revista acerca de sua opinião sobre o tema.

Diferenciando-se da capa de *VEJA*, a foto de Serra não está imersa no azul do plano de fundo do retângulo, apresentando-se distinta também do plano de fundo branco, no retângulo inferior. De modo semelhante, somos levados a considerar o azul do texto como uma referência ao partido de Serra, PSDB<sup>23</sup>. Assim sendo, aparentemente, não seria possível falar em integração total entre Serra e seu

---

<sup>23</sup> Ver no anexo G a logomarca do partido.

partido, bem como entre Serra e a verdade de sua afirmação presente no quadro inferior.

É de se notar, porém, que, no quadro em que se pode cogitar uma ligação entre o presidenciável e seu partido, Paulo Vieira de Souza é referido como Paulo Preto – um apelido, portanto –, que Serra alega não conhecer. No retângulo inferior, alude-se à mesma figura por seu nome, Paulo Souza. Presumimos que o partido se faça presente na declaração “Não sei quem é Paulo Preto. Nunca ouvi falar.” exatamente por meio do uso da alcunha Paulo Preto. Serra, apresentado de modo distinto do partido, utiliza-se de um nome que, supostamente, não é conhecido por ele, uma vez que em situações formais, como as negociações políticas, espera-se que apelidos não sejam utilizados. Aparentemente, o interlocutor, por meio do suposto desconhecimento do apodo, quer fazer o interlocutário crer numa identidade discursiva de presidenciável de fato. Assim, o plano da expressão do quadro superior beneficia, na verdade, Serra, pois, ainda que o enunciatário impute ao partido o evento corrupto, poderá, sob efeito da expressão plástica que distingue Serra do partido, isentá-lo da corrupção mencionada. Por extensão, porém, beneficiar Serra implica beneficiar o partido. Tal hipótese, julgamos, é homologada pelo uso, no retângulo com plano de fundo branco, do nome Paulo Souza, não mais Paulo Preto, que Serra usa para referir-se a “uma pessoa muito competente” e de cujo trabalho ele evidentemente sabia.

Em contrapartida, o rosto de Serra aparece como que dividido, tendo seu lado mais externo, em ambas as fotos, mais escuro que o lado interno, mais próximo das citações. Assim, traçando uma linha imaginária vertical no rosto do então presidenciável, teremos um lado embranquecido e outro, enegrecido; teremos, *grosso modo*, “duas caras”. Atentando para as cores das fontes das citações – preto e branco –, veremos que cada uma delas corresponde a um dos lados, ou seja, a imagem de Serra é identificada com posicionamentos duplos, aos quais ele recorre, de acordo com o texto, segundo a conveniência, ainda que isso implique mudar de posição de um dia para o outro, como se lê na descrição da situação comunicativa.

Em termos narrativos, as publicações em apreço cumprem o papel de sujeito do fazer e destinador-manipulador. Há um sujeito do fazer que *quer-fazer* o sujeito de estado entrar em conjunção, por meio da compra e/ou leitura da revista, com o objeto-valor *saber*, já que quer que o sujeito de estado e destinatário-manipulado saiba que os presidenciáveis pronunciaram-se contraditoriamente,

assim como creia na carga ideológica subjacente à manipulação de tais afirmações não condizentes entre si. Para isso manipulam os enunciatários por tentação e sedução. A manipulação por tentação poderia ser descrita, *grosso modo*, da seguinte forma: “Compre e terá informação.”; a compra configuraria, portanto, a performance.

Já a manipulação por sedução ocorre, assim cremos, porque o destinador-manipulador identifica no universo de valores do destinatário-manipulado o valor positivo de *competência* para *saber*, fazendo-o crer numa suposta conjunção existente entre os dois, isto é, fazendo-o crer que ele é inteligente o suficiente para entender o que as capas dos magazines apresentam como “realidade”. Atentemos para os nomes das revistas, *VEJA* e *IstoÉ*.

No primeiro caso, temos o verbo *ver* conjugado no imperativo, o que em termos enunciativos estabelece interlocução com o enunciatário. A expressão *isto é*, por sua vez, é empregada “para explicar ou retificar o que foi dito anteriormente” ou ainda para “dar uma explicação ou esclarecimento”<sup>24</sup>. Assim, fica clara a postura argumentativa dos enunciadores, que constroem por meio de seus títulos a imagem da competência ou, melhor, a identidade discursiva de doadores de competência, fazendo os enunciatários crerem que podem *ver* a “verdade”, *isto é*, compreendê-la pelas capas das revistas.

É de se mencionar que, em ambas as capas, as logomarcas situam-se sobre a imagem de Rouseff e Serra. Tal fato nos permite afirmar que essa expressão tem por fim transmitir o conteúdo de que a revista não toma parte no fato relatado, dado que se encontra “acima” dele. Constrói-se a partir desse recurso o simulacro da neutralidade, da confiabilidade.

Considerando mais detidamente os quadros em branco, lemos a seguinte citação de Rouseff: “Eu, pessoalmente, sou contra. Não acredito que haja uma mulher que não considere o aborto uma violência.”. Acima desse enunciado lê-se: “**Dilma Rouseff**, em 29 de setembro de 2010”. Na capa de *IstoÉ*, temos: “Evidente que eu sabia do trabalho do Paulo Souza, que é considerado uma pessoa muito competente.” A exemplo da capa de *VEJA*, lê-se acima da citação de Serra: “**José Serra**, no dia 12 de outubro, sobre Paulo Vieira de Souza, acusado de desviar R\$ 4 milhões da campanha do PSDB”.

---

<sup>24</sup> Informação disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/isto>>. Acesso em: 07 nov.2012.

Se analisarmos a disposição espacial de tais citações, veremos que a citação de Rousseff encontra-se ao lado de sua boca, que, vale lembrar, está aberta. Isto reforça, figurativamente, aquilo que foi dito pela interlocutora, mas colocado em discurso pela debreagem enunciativa dos enunciadores. Em relação à posição das citações de Serra à altura de seus olhos, conjecturamos que essa escolha do enunciador valoriza a imagem de pensador ou analista do candidato. Basta observarmos o uso do verbo *saber* (de ordem cognitiva) e do advérbio *evidentemente*<sup>25</sup>. Enquanto nos enunciados de Rousseff encontramos os verbos *acreditar* e *achar*, empregados com sentido de *supor* ou *pensar sem convicção ou certeza*, encontramos em *IstoÉ* um Serra que expressa claramente o que sabe ou não e que se pauta em razões para afirmar o que diz. Consideremos ainda que o olhar de Serra direciona-se para /baixo/, enquanto o de Rousseff, para /cima/. Esses elementos eidéticos, associados com os elementos topológicos comentados neste parágrafo, parecem construir para Serra uma imagem de circunspecção, ao passo que tece para Rousseff um identidade de não circunspecção.

É interessante notar o efeito de sentido de *confronto*, construído nas duas capas, pela disposição das duas imagens e enunciados de cada presidencial. Além da inversão de retângulos, que em si já é uma expressão plástica da divergência de opiniões de cada presidencial, poderíamos traçar retas imaginárias entre uma imagem e outra e entre uma citação e outra, remetendo à expressão *versus*, conforme vemos abaixo:

---

<sup>25</sup> Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0, o advérbio *evidentemente* é usado “para indicar que aquele que fala se apoia em fatos ou razões para afirmar o que diz”.



Figura 2: Configuração eidética das edições 2136 de *IstoÉ* e 2186 de *VEJA*.

Ora, o que os enunciadores fazem, por um lado, é colocar Serra vs. Serra e Rousseff vs. Rousseff e, por outro, Dilma vs. Dilma vs. Serra vs. Serra, transformando as capas em um campo de batalha e instaurando a polêmica que põe em jogo as imagens dos candidatos.

## 5.2 O simulacro da competência dos presidenciáveis em *VEJA*

A segunda dupla de capas para as quais nos voltamos correspondem às edições 2153 e 2161 de *VEJA*, publicadas em 24 de fevereiro e 17 de abril de 2010, respectivamente. Observemos tais capas<sup>26</sup>:

<sup>26</sup> Anexos C e D.



**Figura 3:** Reprodução das capas das edições 2153 e 2161 de VEJA.

Estas duas capas de VEJA apresentam com suposta imparcialidade os dois presidenciáveis, interlocutores dos textos em questão. À semelhança da análise anterior, salta aos olhos de um leitor mais atento e, sobretudo, do semiótico a semelhança topológica de ambas, assim como as divergências cromática e verbal.

No tocante aos elementos estritamente linguísticos, temos o discurso do enunciador e o discurso citado dos interlocutores, sempre em aspas a fim de que se atribua inequivocamente a esses últimos seus respectivos enunciados. Na edição 2153 temos, portanto, em destaque, em virtude do tamanho, a citação de Rousseff “A realidade mudou, e nós com ela” e, abaixo dela, em fonte consideravelmente menor, “Dilma Rousseff a VEJA”. Em tamanho menor e acima deste enunciado, na forma de notas, lemos: “A candidata e os radicais do PT / Entre a ideologia e o pragmatismo / O estado e o capitalismo no mundo pós-crise”. Na parte mais alta da revista, lê-se a chamada para um artigo sobre José Serra: “Artigo • José Serra • Os 25 anos da Nova República”.

Na edição 2161, temos menos elementos verbais. O discurso do enunciador VEJA corresponde a apenas um sintagma, a saber: “Serra e o Brasil pós-Lula”, de tamanho maior que o enunciado de Serra, nas cores amarela e branca e todo em caixa alta. É digno de menção ainda que, neste sintagma, o nome de Serra aparece em tamanho ainda maior que o dos outros vocábulos. O enunciado

do interlocutor, por sua vez, é: “Eu me preparei a vida inteira para ser presidente”. Na parte mais alta da revista, a exemplo da anterior, há uma chamada para um artigo sobre Rousseff: “Artigo • Dilma Rousseff • Compromisso com o futuro”. De antemão, afirmamos que tais chamadas, sempre em relação ao presidencialista concorrente, têm por fim construir para a revista *VEJA* o simulacro de imparcialidade, não apenas por convidar o leitor a saber algo sobre o candidato que não está em destaque na capa, mas também por sua disposição topológica e cromática. Tais anúncios dos artigos situam-se no topo da capa e são coloridos com as mesmas cores do restante do texto, como a sugerir que *VEJA* apresenta a ambos da mesma forma, isto é, sem desmerecer, *dentro de um todo textual*, um candidato ou outro. Comparando, porém, os dois textos, vemos que um é privilegiado, enquanto o outro é preterido. Ademais, nos textos em análise, temos, evidentemente, a logomarca de *VEJA*, situada na parte superior da capa, à direita; o que distingue uma da outra concerne ao cromatismo do texto.

Retomando, pois, as considerações pertinentes aos elementos verbais, assinalamos que, em termos enunciativos, ocorre também nessas capas uma debreagem enunciativa actorial, dado que, como já demonstrado, *VEJA* dá voz aos interlocutores Rousseff e Serra, tornando-os “responsáveis” por suas citações e, sobretudo, tornando-se objetiva e imparcial para o enunciário, a fim de que o contrato de fé não seja rompido. Assim, na capa de Dilma, o enunciador constrói seu discurso sempre em terceira pessoa, como se vê em seus enunciados. O discurso de *VEJA* é, portanto, composto pelos actantes (candidata, radicais do PT, ideologia, pragmatismo, estado, capitalismo e Serra) e pelo espaço do enunciado (mundo pós-crise e Brasil pós-Lula), produzindo o efeito de objetividade tão conveniente aos meios midiáticos.

De igual modo, os enunciados dos presidencialistas, embora debreados enunciativamente, servem aos propósitos do narrador. Essa debreagem enunciativa interna dos enunciados de Rousseff e Serra torna-se evidente pelo uso da primeira pessoa em, respectivamente, “A realidade mudou, e nós com ela” e “*Eu me preparei a vida inteira para ser presidente*”. Percebamos que, enquanto o enunciado de Serra é debreado enunciativamente por meio de pronome na primeira pessoa do singular, o de Rousseff o é por meio de pronome na primeira pessoa do plural, o que enfraquece a subjetividade de sua fala. Ademais, tal debreagem enunciativa actorial interna é posterior a uma debreagem enunciativa, “*A realidade mudou...*”. Assumimos,

por conseguinte, que o enunciador, por meio de tais recursos verbais, *quer fazer* o enunciatário *crer* que Rousseff fala em nome de seu partido, não se apresentando, portanto, como Serra, que, sem fazer alusão alguma ao PSDB, afirma estar preparado para a Presidência. Notemos ainda que, na fala de Serra, estão presentes três elementos reforçadores de sua pessoalidade, o pronome pessoal do caso reto *eu*, o pronome pessoal do caso oblíquo *me* e a desinência número-pessoal *-ei*. Em língua portuguesa, não seria necessário valer-se de todos esses recursos mórficos para expressar o que é dito. Bastaria, por exemplo, dizer “Me preparei a vida inteira para ser presidente” ou ainda “Estou preparado para ser presidente”. Assim sendo, constrói-se uma identidade discursiva de dependente do PT para Dilma e, em contrapartida, de independente do PSDB para Serra.

Atentemos ainda para o fato de que o discurso da própria revista na capa da edição 2153 estabelece um contraponto entre o que seria a proposta inicial esquerdista do PT e o que, no discurso de Dilma, é chamado de “realidade”, que, vale lembrar, mudou. De um lado, temos as figuras *ideologia, estado e radicais do PT* e, de outro, *pragmatismo, capitalismo no mundo pós-crise e candidata*, em flagrante oposição. Dessa forma, o enunciador sugere ao enunciatário a inconciliação entre *o mundo pós-crise* e *a candidata* ou, melhor ainda, entre esse mundo e o próprio PT, já que, no texto, Dilma não fala por si, mas pelo partido, como também indicam os elementos da dimensão plástica, discutidos a seguir. Embora a citação de Rousseff afirme que o PT tenha acompanhado a mudança de realidade, o texto inteiro da capa *faz* o leitor *crer* na incompetência dela para a Presidência, pois disforiza-a perante ele.

Em oposição, *VEJA* apresenta Serra não apenas independente de seu partido, mas, sobretudo, competente para o fazer a que se propõe. Consideremos que o processo de preparação para a Presidência é apresentado como completo, ou seja, o aspecto verbal do enunciado “Eu me preparei a vida inteira para ser presidente” corresponde à terminatividade. Daí podermos assegurar que o enunciador *quer fazer* o enunciatário *crer* que o interlocutor *está preparado* e, logo, é competente para seu fazer. Amparando tal concepção, temos a presença da figura *presidente* na capa da edição 2161 em oposição à presença da figura *candidata* na capa da edição 2153. Em termos ainda mais claros: Serra é já apresentado como presidente, ao passo que Rousseff, como candidata.

No que diz respeito aos elementos da dimensão plástica do plano da expressão, reafirmamos que, topologicamente, há alguma similaridade entre as capas. As fotografias de ambos os candidatos ocupam o espaço da capa verticalmente e tendem para a esquerda dela, considerando-a agora horizontalmente. Os elementos verbais situam-se à direita, ocupando a parte central e/ou inferior da capa. A logomarca de *VEJA*, como já dito, situa-se na parte superior, à direita. Tal aparente disposição equânime dos elementos plásticos no espaço do texto é destruída pelo cromatismo e pelas categorias eidéticas aí presentes. De partida, indicamos que mesmo tal disposição topológica revela, um tanto veladamente, as identidades que o magazine pretende construir para cada presidenciável. Na capa de Serra, *VEJA* confere mais espaço a sua própria voz, enquanto, na capa de Rousseff, à voz da candidata, por meio do destaque que dá, por um lado, ao sintagma nominal “Serra e o Brasil pós-Lula” e, por outro, ao enunciado da candidata. *VEJA*, por assim dizer, toma o partido de Serra e o apresenta ao leitor como opção para o “Brasil pós-Lula”, operando de modo contrário na outra capa em questão. Nesta, o periódico deixa, aparentemente, que a interlocutora se apresente e diminui consideravelmente o espaço que dá a sua própria fala. Naturalmente, a fala da interlocutora é manipulada de modo que a desfavoreça no efeito de sentido único final.

Quanto às figuras dos presidenciáveis, percebemos haver uma tendência ao estilo pictórico na edição 2161 e ao estilo linear na edição 2153 (WÖLFFLIN, 2000 *apud* PIETROFORTE, 2012)<sup>27</sup>. A imagem em preto-e-branco de Rousseff, a simular uma fotografia antiga ou desenho à lápis, tem linhas e contornos precisos que permitem apontar claramente os elementos descontínuos presentes no texto e apreender os planos que o compõem. A imagem colorida de Serra, por sua vez, não tem contornos definidos, o que confere profundidade ao texto e sugere, pela obscuridade presente na capa, uma continuidade entre os elementos que a compõem. Deste modo, aplicando as concepções sobre estilos pictórico e linear à análise semiótica de textos sincréticos, Pietroforte (2012) afirma que os efeitos de

---

<sup>27</sup> A conceituação de estilo pictórico e linear com que trabalhamos aqui procede de Wölfflin (2000), que, conforme Pietroforte (2012, p. 36), “estabelece procedimentos fundamentais de tratamento plástico que organizam os dois estilos considerados”. De modo geral, podemos afirmar que o estilo linear, peculiar ao Classicismo, tem o traçado caracterizado por linhas, enquanto o traçado do estilo pictórico, representativo do Barroco, é reconhecido por manchas. Assim, no estilo linear, as imagens são representadas em planos e fechadas em seus contornos. No estilo pictórico, por seu turno, as imagens são abertas em virtude da predominância de manchas, o que sugere uma comunhão entre os elementos mostrados.

sentido advindos do estilo dito linear correspondem a um distanciamento ou afastamento do enunciado, enquanto os efeitos do estilo pictórico dizem respeito a uma aproximação.

Assim sendo, na capa de Serra, o enunciatário é aproximado do enunciado e, portanto, de seu actante, ao passo que, na capa de Dilma, o enunciatário é afastado. Se considerarmos “a possibilidade de se pensar em uma enunciação própria do plano da expressão” (PIETROFORTE, 2012), temos de convir que a fotografia de Dilma, assim apresentada, corresponde a uma debreagem enunciativa plástica, o que condiz com as considerações já feitas atinentes ao plano da expressão verbal. A fotografia de Serra diz respeito, por conseguinte, a uma debreagem enunciativa plástica, o que pode ser homologado também com os elementos estritamente linguísticos dessa capa. Vale ressaltar ainda que a direção do olhar de Serra depõe a favor dessa debreagem enunciativa ou, em outros termos, dessa proximidade entre ele e seu interlocutário, visto que o texto põe Serra e os leitores frente a frente, como a olharem nos olhos um do outro. O olhar oblíquo de Dilma não apenas “evita” olhar o leitor de frente, mas também se apresenta voltado para algo a que ele não tem acesso, já que dirigido para fora do plano do texto. A própria inclinação do rosto da então candidata, não disposto de modo reto como o é o rosto do presidente Serra, parece reforçar os confrontos de ideias apresentados nas notas acima da citação direta, ao parecer sugerir um conflito ou uma hesitação, por parte da interlocutora, entre o interlocutário e aquilo a que só ela tem acesso com o olhar.

Se considerarmos, porém, que, nas capas em análise, Rousseff e Serra se tornam actantes da enunciação, constatamos que há nelas uma embreagem actancial, na verdade. Levantamos tal hipótese em virtude, como já afirmamos, de ser promovida uma confrontação entre os candidatos e os (e)leitores. Aqui, os presidentes têm por interlocutores os (e)leitores, visto que, de certo modo, “dialogam” com eles.

Concernem também aos estilos linear e pictórico, respectivamente, os efeitos de sentido de estaticidade e dinamicidade, em virtude da presença ou ausência de contornos definidos. Ora, tal relação semissimbólica entre a categoria do plano da expressão *estilo linear* e a do plano do conteúdo *estaticidade* faz-se presente também na capa da edição 2153, cuja imagem de Dilma é apresentada estaticamente, inclusive por estar encerrada em uma moldura. Em contrapartida,

pela mesma relação semissimbólica, desta vez entre a categoria do plano da expressão *estilo pictórico* e a do plano do conteúdo *dinamicidade*, Serra é apresentado dinamicamente. Assim, contrapondo-se ao gesto estático de Rousseff, temos o gesto em evolução de Serra, reforçado pelo efeito de aproximação próprio do estilo pictórico. Notemos também a contribuição para tal hipótese que a seriedade de Rousseff e o sorriso pretensamente vitorioso de Serra oferecem.

Tais considerações licenciam-nos, igualmente, a assegurar que o enunciador apresenta o interlocutor Serra “naturalmente”, isto é, sem alterá-lo cromaticamente e permitindo-lhe, como já dito, falar em primeira pessoa. Rousseff, porém, no que tange à plasticidade, é representada “culturalmente”, pois é posta em fotografia. O fato de seu discurso citado ser na primeira pessoa do plural corrobora a hipótese de que, na capa de revista em questão, ela não se apresenta como candidata, mas, antes, o partido.

Esse contraste cromático enseja ainda observações pertinentes à oposição *antigo vs. novo*. Assumamos, a princípio, que a fotografia em preto-e-branco remete a passado ou à antiguidade e, em oposição, a fotografia colorida, ao presente ou à modernidade. Tais efeitos de sentido, articulados com os elementos verbais e plásticos já discutidos, colaboram para a construção da identidade discursiva de competente para Serra e de incompetente para Rousseff, ao inserir o primeiro na contemporaneidade, dando-lhe, inclusive, voz para falar que está preparado para ser presidente, e manter a segunda no passado. Percebamos que o enunciador, na capa da edição 2153, estabelece uma oposição entre “a candidata e os radicais do PT”. Ora, ao utilizar a figura *radicais do PT*, o enunciador evoca o passado, pois, em língua portuguesa, uma das definições para o vocábulo *radical* concerne a *fundamento* ou *origem*<sup>28</sup>. Semelhantemente, a oposição entre a ideologia petista – portanto, fundamento ou origem – e o pragmatismo, bem como entre o estado e o capitalismo no mundo atual, reiteram tal efeito de sentido. Constrói-se, assim, para Rousseff um simulacro de antiguidade ou passado e, portanto, de inadequação ou incompetência, pois, embora sua fala advogue um paralelismo entre PT e situação política hodierna, os enunciados de *VEJA* e a articulação do plano de expressão e plano de conteúdo demonstram que o enunciador quer persuadir o enunciatário do contrário. No tocante à capa de Serra, *VEJA*, além de dar voz ao

---

<sup>28</sup> Informação disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/radical>>. Acesso em: 23 fev. 2013.

interlocutor para afirmar sua competência, apresenta-o como opção para o “Brasil pós-Lula”, ou seja, para a contemporaneidade.

A essas reflexões acrescentamos as atinentes ao vermelho da moldura da foto de Rousseff e de seu colar com estrela do partido. À semelhança da isotopia da cor vermelha na análise anterior, aqui, o vermelho é significante do conteúdo Partido dos Trabalhadores. Por meio disso, mostra-se a submissão da candidata Rousseff ao partido, que “emoldura” e, logo, comanda sua candidatura e ações. Vejamos que as pontas inferiores da estrela do colar estão numa zona de intersecção com a parte inferior da moldura, denunciando que, de fato, o vermelho de um é o mesmo do outro, ou seja, ambos significam a mesma coisa. Percebe-se que esse tom de vermelho é o mesmo nos dois nomes de *VEJA* presentes nessa capa, o que constitui, a nosso ver, marca implícita – talvez nem tanto – de um enunciador que também “emoldura” o discurso de seu interlocutor. Noutras palavras, o que tal aspecto do texto nos possibilita afirmar é que, por meio de *VEJA*, o leitor não vê a candidata Rousseff, mas seu partido. Se compararmos com a logomarca vazada da revista na capa da edição 2161, constatamos que, mediante as considerações já feitas, tal hipótese é válida, dado que, no texto em questão, a logomarca não remete a nenhuma outra figura do texto que não Serra. Assim, complementamos a afirmação feita logo acima: por meio de *VEJA*, o leitor não vê a então presidenciável, mas seu partido, porém, não vê o PSDB, mas o candidato José Serra, que se preparou, vale lembrar, a vida inteira para ser presidente, segundo o texto analisado.

Isto posto, constatamos que Serra é beneficiado por meio da articulação dos elementos verbais e plásticos operada pelo enunciador *VEJA*, porque constrói-se para ele o simulacro de competente para seu fazer. Rousseff, por seu turno, é apresentada como incompetente para este mesmo fazer, pois para ela é tecido um simulacro de submissa ao partido, bem como de incapaz de atender às necessidades políticas contemporâneas do País.

### 5.3 Eles por eles, *IstoÉ*, pelo enunciador

Neste subitem, analisamos o último par de capas componentes de nosso *corpus*, atinentes às edições 2113 e 2119 de *IstoÉ*, publicadas nos dias 12 de maio e 23 de junho de 2010, respectivamente. São elas<sup>29</sup>:



Figura 4: Reprodução das capas das edições 2113 e 2119 de *IstoÉ*.

A exemplo das capas anteriores, a princípio, a semelhança entre as duas capas chama a atenção em virtude da organização planar dos elementos, similar nos dois textos, e da fotografia de ambos os presidentes. Comparando superficialmente as capas de *VEJA* analisadas no item anterior e as de *IstoÉ* ora em questão, poder-se-ia talvez afirmar que esta revista constrói para si a identidade discursiva de imparcial e objetiva – e, portanto, de digna da credibilidade do leitor – melhor que aquela o faz. Como se vê, as capas das edições 2113 e 2119 *aparentam* uma equanimidade que, indiscutivelmente, *VEJA* não tentou simular.

Para além da disposição da logomarca acima da imagem dos presidentes, denotando, como já exposto, objetividade por parte do enunciador, por situar-se “acima” da notícia que apresenta, apontamos conformidade topológica

<sup>29</sup> Anexos E e F.

quanto à distribuição espacial das citações diretas dos candidatos, do enunciado do narrador *IstoÉ* sobre o presidencializável em questão e do enunciado “Dilma por Dilma” e “Serra por Serra”. A distinção que se percebe nessa organização topológica do plano da expressão diz respeito aos lados onde estão situados os discursos de Rousseff ou Serra e o enunciado da revista sobre um deles. Enquanto as quatro citações diretas de Dilma foram colocadas à direita, ocupando o espaço da revista do centro para a parte superior, as de Serra foram postas à esquerda; procedeu-se inversamente quanto à disposição espacial dos enunciados da revista sobre cada um deles. Os enunciados “Dilma por Dilma” e “Serra por Serra”, por sua vez, situam-se ambos à direita, do centro para a parte inferior. Além disso, apenas na capa de Serra, lê-se o sintagma “Encontro com editores”, acima de “Serra por Serra”.

A favor ainda da construção do simulacro de imparcial para o periódico em questão, apontamos a cor da fonte dos elementos verbais. Assim como a logomarca, todos são brancos, à exceção do enunciado de *IstoÉ* sobre a entrevista de Rousseff e de parte das chamadas para outras matérias presentes na revista, situadas acima da marca da revista. Defendemos a hipótese de que tal elemento cromático colabora para a construção do simulacro mencionado em virtude do contraste que se estabelece entre as cores da fotografia e a ausência de cor da fonte. O mesmo se pode dizer da cor preta do enunciado de *IstoÉ*. Por meio desse recurso, o enunciador reclama para si isenção plástica, digamos, ao apresentar seu discurso destacado dos presidencializáveis, reforçando a ideia de que eles próprios se apresentam e, logo, não são apresentados pela revista. Contudo, os elementos verbais evidenciam que tais textos não são imparciais, como não o é qualquer texto, em razão precisamente da identidade discursiva que se tece para os elegíveis.

Em letras garrafais, o enunciador *IstoÉ*, por meio de debragem enuncia, alega apresentar “Dilma por Dilma” e “Serra por Serra”, pretendendo, portanto, persuadir o enunciatário de que não está comprometido com o que os interlocutores dirão de si, uma vez que dá voz a eles para que se apresentem. A isto o magazine confere considerável valor, pois, segundo Hernandez (2012, p. 210), “os títulos com letras grandes simulam exaltação, como se alguém quisesse despertar a atenção do outro”. Por meio de tal recurso, *IstoÉ* tenciona arrebatá-la a atenção de seu leitor, atraindo-o pela sensibilidade. Colaboram para a apreensão estética do enunciatário as fotografias de Rousseff e Serra, ambas em estilo pictórico, pode-se dizer. Como já apontado, os efeitos de sentido desse estilo correspondem, entre outros, à

aproximação do enunciatário ou, em outros termos, à aproximação do interlocutor ao interlocutário. Assim, as fotografias aproximam enunciação e enunciado, produzindo, como é próprio da debreagem enunciativa, o efeito de sentido de subjetividade, alimentado pelo suposto encontro de olhares do interlocutor, presidenciável, e do interlocutário, (e)leitor.

Aqui, a exemplo da análise anterior, podemos considerar também que Rousseff e Serra se tornam actantes da enunciação. Assim pensando, faz-se necessário falarmos em embreagem enunciativa em razão precisamente do fato de presidenciáveis e (e)leitores, como interlocutores, “dialogarem”.

Após captar a atenção do enunciatário, o enunciador leva-o a entrar em contato, desta vez cognitivamente, com a identidade discursiva construída, em seus enunciados, para cada um dos candidatos. Tais enunciados, em “corpo de letra menor (...), próprio para a troca de informações” (HERNANDES, 2012, p. 210-211), são:

- a) “Em entrevista exclusiva, a candidata do PT fala de sua intimidade, de seus planos, da relação com Lula e diz como está se preparando para o dia “D” de sua campanha, que é a estreia na televisão nesta semana” (edição 2113);
- b) “Numa semana decisiva para a sua campanha, o candidato do PSDB, em entrevista exclusiva, ataca o governo Lula, responde ao dossiê, defende a militarização da fronteira e anuncia mudanças na política de câmbio e juros” (edição 2119).

Considerando as figuras *intimidade, planos, relação, Lula, preparação, dia “D”, estreia, televisão* e contrapondo-as às figuras do enunciado sobre Serra – *ataque, governo Lula, dossiê, militarização, fronteira, anunciar, mudanças, política, câmbio e juros* –, concluímos que *IstoÉ* elabora para Rousseff uma identidade menos interessante para o debate político do que a gerada para Serra. Em primeiro lugar, não há quaisquer alusões no enunciado respeitante a Serra que concirnam a sua intimidade. Em segundo lugar, ao mencionar os planos da candidata do PT e sua relação com Lula, não se esclarece a que esses planos e essa relação se referem, ou seja, a que âmbito eles dizem respeito. Embora o leitor possa imputá-los ao plano político, em consideração ao todo textual, a figura *intimidade* abre o

precedente para que esses planos sejam compreendidos não apenas como planos de uma presidenciável para seu provável mandato. Sobretudo, lança-se suspeição sobre o tipo de relação da candidata com o então presidente Lula. Não que o texto permita supor uma relação amorosa, mas uma relação não estritamente profissional. Uma das citações diretas de Dilma é “Lula me escolheu quatro vezes”, e esse favoritismo, digamos, não é justificado no texto, de modo que o leitor não sabe por que o então presidente escolheu Dilma. Em outros termos, a não delimitação do tipo de relação com Lula e a não exposição das razões de sua escolha por Dilma podem fazer o leitor pensar nos eventuais conchavos políticos que propiciaram a indicação de Rousseff para a Presidência da República, o que, evidentemente, a disforiza.

A referência que se faz a Lula no enunciado sobre Serra é feita com as figuras *ataque* e *governo Lula*, isto é, o enunciador/narrador recorre ao campo semântico da disputa, da violência ou da guerra para falar da posição de seu interlocutor quanto ao *governo Lula*. Dessa forma, ele circunscreve as relações entre os actantes envolvidos e, principalmente, constrói para Serra a identidade de agressivo ou disputador. Se considerarmos que o discurso de *IstoÉ* comentado no parágrafo anterior refere-se a uma mulher enquanto o comentado aqui, a um homem, entendemos que a revista parece disforizar a imagem de Dilma por repetir a pré-concepção do senso comum de que as mulheres são voltadas para a intimidade e os homens para a disputa ou competitividade. Sugere-se, por meio disso, que o sujeito Dilma não é competente para seu fazer, não devendo, portanto, entrar em conjunção com o objeto-valor que deseja.

Consideremos também que o enunciador nomeia como dia “D” da campanha de Dilma sua estreia na TV, para o qual a candidata, segundo o texto, se prepara. Ademais, o enunciado constitui uma chamada para o *modo* como Dilma está se preparando para esse dia, o que pode incluir, mais uma vez, exposição de características pessoais da candidata. *IstoÉ* guia, portanto, o leitor para uma candidata menos política e, por conseguinte, menos presidenciável que Serra. Quanto a este, mantém-se o discurso no campo político: Serra “[...] responde ao dossiê, defende a militarização da fronteira e anuncia mudanças na política de câmbio e juros”. Reparemos que o campo semântico de guerra é retomado com a figura *militarização* e que, “enquanto a candidata do PT fala de seus planos”, “o candidato do PSDB **anuncia** mudanças na política de câmbio e juros”. Ora, mudanças na política de câmbio e juros só podem ser anunciadas por quem já está

investido do cargo que Dilma e Serra, nos textos, ainda disputam. Dessa forma, o simulacro tecido para Serra não é apenas o de competente para o fazer a que se propõe nem apenas de presidenciável, mas, de certo modo, de presidente.

Observemos, agora, as citações diretas da edição 2113:

- a) “Aborto não é questão de foro íntimo, mas de saúde pública”
- b) “No meu governo, o BC terá dois olhos: um para a inflação, outro para o emprego”
- c) “Lula me escolheu quatro vezes”
- d) “Namorar faz todo o bem do mundo. Recomendo”

Temos os seguintes conteúdos em tais pronunciamentos de Rousseff: aborto; economia; relação com Lula; e namoro. Assim, reconhecemos uma gradação temática presente em tais citações, que vai de assuntos eminentemente políticos, como os dois primeiros, a um que, embora tenha essa natureza, é apresentado um tanto pessoalmente, como mostrado, e, por fim, a um que em nada se refere aos interesses políticos.

O primeiro enunciado da interlocutora é debreado enuncivamente. Consequentemente, o efeito de sentido correspondente é o de objetividade. Com base apenas nessa citação, não podemos supor quaisquer posições pessoais de Rousseff sobre a questão do aborto, ao contrário do que quis apresentar a edição 2186 de *VEJA*, pois o que se tem é a candidata tratando da questão de uma perspectiva política. O segundo enunciado, porém, é debreado enunciativamente, apesar de ter como actante o BC, Banco Central do Brasil, visto que o que se tem é a interlocutora expressando um plano para seu governo. Atentemos para o pronome possessivo de primeira pessoa *meu*, marca da presença do actante da enunciação.

O mesmo se dá com o terceiro enunciado, no qual se afirmam as escolhas do então presidente Lula por Rousseff. Aqui não se faz presente o mesmo teor de objetividade das citações anteriores, como expusemos acima. Sobretudo, esse enunciado colabora para a construção de uma identidade discursiva de incompetente para Rousseff, pois a apresenta como objeto do sujeito Lula. Fazendo uso da terminologia própria da sintaxe narrativa, pode-se dizer que, nesse enunciado, o actante Lula é o sujeito do fazer que quis fazer o sujeito de estado Rousseff entrar em conjunção com um dado objeto-valor não mencionado. Ora,

apresentar uma candidata à Presidência da República como sujeito do estado, ou seja, como escolha feita pelo presidente em exercício corresponde a disforizá-la perante o leitor, porque isso significa não apresentá-la de modo ativo, mas passivo. Se considerarmos, inclusive, que o mesmo enunciador *IstoÉ* selecionou citações de Serra que o favorecem, no que diz respeito a apresentá-lo, por exemplo, como opção “à esquerda de Lula”, vemos que o terceiro enunciado parece, de fato, apresentar Rousseff disforicamente.

A quarta citação, respeitante à opinião da presidenciável sobre namoro e também debreada enunciativamente, termina por desprestigiar a candidata, pois o que ela pensa sobre os efeitos da ação de namorar não importa para o exercício de cargos políticos.

As citações diretas de Serra, porém, apresentam-no ou como político, ou como alguém que, desde criança, almejava sê-lo. São elas:

- a) “Uma tia minha disse que quando eu tinha 5 anos já queria ser presidente”
- b) “Estou à esquerda de Lula. Hoje você pega gente que se diz de esquerda e é na verdade reacionária”
- c) “Não sou centralizador. Monitoro, o que é diferente. Acompanho, cobro resultados e, quando não está andando, eu mergulho”

Se, nas citações de Rousseff, percebemos uma gradação nos temas tratados que vai da política à personalidade, nas de Serra, notamos o inverso. O interlocutor debreia seu discurso enunciativamente, apresentando a si mesmo, portanto, como fizera a outra interlocutora e como promete o narrador *IstoÉ*. Sua primeira afirmação, porém, ainda que pessoal por fazer uso de uma suposta lembrança familiar, tem por objetivo persuadir o enunciatário de que, desde a infância, Serra queria ser presidente. Percebe-se, então, que, enquanto o enunciador dá voz a Rousseff para ela falar de assuntos irrelevantes para o cargo de presidente, dá voz a Serra para ele apresentar-se como alguém que aspirava a essa função desde criança<sup>30</sup>. Neste ponto, o texto de *IstoÉ* assemelha-se ao da capa da

---

<sup>30</sup> Embora tal afirmação, evidentemente, não tenha também relevância para o debate político ou para a competência verdadeira de Serra para ser presidente, sabe-se que ela tem poder persuasivo, e é isto que analisamos aqui.

edição 2161 de *VEJA*, abordada no subitem anterior, na qual Serra afirma que preparou-se a vida inteira para ser presidente.

O segundo enunciado tem por fim compor uma identidade discursiva de esquerdista para o candidato do PSDB. O interlocutor Serra instaura no enunciado o actante da enunciação *eu* não só para afirmar que não é de direita, mas para afirmar que ainda é mais de esquerda que Lula. Embora, em teoria, o PSDB não seja de direita, há uma certa identificação do partido com os ideais correspondentes. Dada a força que a figura de Lula e seu discurso conquistaram por meio de seus dois mandatos, o interlocutor cria para si ou, melhor, o enunciador *IstoÉ* cria para o interlocutor Serra tal identidade discursiva.

O terceiro enunciado coroa a identidade discursiva de presidenciável ou, em concordância com o que dissemos anteriormente, de presidente atribuída a Serra, pois ali é apresentado discursivamente um Serra engajado em seu trabalho, que acompanha, cobra resultados e, “quando não está andando”, mergulha, ou seja, imerge no trabalho. Interessante notar que o candidato afirma não ser centralizador, atitude que passou a ser repudiada no Brasil por conta da ditadura militar<sup>31</sup>. Para que os eventuais eleitores não identifiquem seu engajamento com o totalitarismo ditatorial, Serra intenta criar verbalmente uma identidade discursiva não condizente com o controle exacerbado do poder público.

Articulados a tais elementos linguísticos estão os elementos plásticos, como é sabido. Se retomarmos, então, mais uma vez a topologia do texto, vemos que as citações de Serra recebem destaque espacial se comparadas às de Rousseff. Para constatar isso basta que consideremos o modo de leitura ocidental, da esquerda para a direita, para vermos que, após o arrebatamento propiciado pela fotografia em estilo pictórico e o enunciado em letras maiúsculas, o leitor lerá primeiro, muito provavelmente, as citações diretas de Serra e, posteriormente, o discurso de *IstoÉ* sobre ele. Desse modo, o enunciador simula sua imparcialidade, ao pretensamente permitir que Serra fale por Serra. Por outro lado, na capa de Dilma, o leitor tem acesso, primeiro, ao discurso do enunciador, ou seja, a Dilma por *IstoÉ*, não por Dilma. Reforçando tal hipótese, citamos o destaque cromático dado a esse enunciado por meio da cor preta. Assumimos anteriormente em nossa análise que a cor citada colabora com a construção da identidade discursiva de imparcial

---

<sup>31</sup> Informação presente em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/o-incrivel-caso-do-pais-sem-direita>>. Acesso em: 30 nov.2012.

para a revista, contudo, é inegável que, comparando as duas capas, não se conclua que *IstoÉ* confere realce a seu discurso na capa de Rousseff.

Se considerarmos, brevemente, a capa da edição 2117 de *IstoÉ*<sup>32</sup>, feita conforme o modelo das duas capas aqui abordadas e que anuncia “Marina por Marina”<sup>33</sup>, veremos que, nessa capa, o enunciado de *IstoÉ* sobre a candidata do Partido Verde (PV) é também destacado pela cor preta e a distribuição espacial dos elementos é semelhante à da capa de Rousseff:



Figura 5: Reprodução das capas das edições 2113, 2117 e 2119 de *IstoÉ*.

Assim, percebe-se, mediante os elementos já apontados, uma identificação entre o discurso de Serra e o discurso de *IstoÉ*.

No que tange ainda aos elementos cromáticos e valendo-nos novamente da capa da edição 2117, asseveramos que, no conjunto, o enunciador, ao colocar os presidencializáveis sobre os fundos azul, verde e amarelo, fez uma referência ao Brasil por meio das cores de nossa bandeira. No entanto, a análise individual dos textos permite que façamos algumas afirmações.

Como demonstrado nas análises anteriores, é comum que os enunciadores façam alusões aos respectivos partidos por meio de cores. Dessa maneira, por exemplo, é que encontramos nas capas das edições 2153 e 2186 de

<sup>32</sup> Anexo H.

<sup>33</sup> Embora capas de *VEJA* e *IstoÉ* sobre Marina Silva não façam parte de nosso *corpus*, consideramos relevante e mesmo necessário citar que as edições 2113 e 2119 de *IstoÉ* compõem uma tríade com a edição 2117, dado que tais capas foram pensadas em conjunto, como se pode perceber. Além disso, tal menção permite que analisemos melhor os elementos cromáticos das capas sobre Serra e Dilma.

VEJA a cor vermelha, compondo a isotopia pertinente ao PT. Partindo desse pressuposto, levantamos a hipótese de que o amarelo como plano de fundo da capa de Serra seja uma referência ao PSDB, cuja logomarca é composta pelas cores azul e amarelo<sup>34</sup>. Comparando com a capa da edição 2117, concluímos que nossa proposição procede, já que nele o fundo verde constrói a isotopia concernente ao PV. No entanto, a capa da edição 2113 apresenta fundo azul, não sendo possível desse modo sugerirmos que a cor concirna ao PT.

Temos, porém, por mais válido e coerente com as delimitações metodológicas feitas até aqui comparar somente as capas 2113 e 2119. Já demonstramos como elementos verbais e plásticos euforizam Serra e disforizam Dilma, apresentando aquele como competente e esta como incompetente para o fazer desejado. Ora, o fundo amarelo *ilumina* a figura de Serra, porque destaca-o em relação à candidata cuja fotografia é disposta sobre o fundo azul escuro. Assim, pode-se afirmar, mais uma vez, que o candidato Serra, pela articulação de elementos plásticos e verbais, é euforizado numa capa de revista da *IstoÉ*, enquanto Rousseff é disforizada.

---

<sup>34</sup> Anexo G.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A linguagem é inseparável do homem e segue-o em todos os seus atos. A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana.”

(HJELMSLEV, 2009, p. 1)

A pesquisa em torno da construção de identidades discursivas resultantes da articulação de linguagens nos textos sincréticos capas de revista surgiu a partir de vários fatores. Um deles concerne ao papel fundante – e, portanto, persuasivo – que a linguagem possui. Mais especificamente, interessou-nos averiguar como o discurso midiático de *VEJA* e *IstoÉ* criou os sujeitos ou os simulacros aqui discutidos.

Sabe-se que as mídias, de modo geral, **querem**, na condição de veículos de comunicação, **fazer** seu público **crer** que o que propagam é “verdadeiro” ou “real”, isto é, querem fazê-lo aceitar as informações difundidas e agir segundo elas. Para tanto, constroem em seus discursos um simulacro de competência para o fazer-saber, o que, evidentemente, não resulta meramente de slogans como “IstoÉ Independente – A revista mais combativa do país”<sup>35</sup>, por exemplo, mas de efeitos de sentido produzidos no próprio discurso.

Deste modo, as revistas por nós analisadas, bem como qualquer meio midiático que pretenda ser categorizado como imprensa séria, tecem uma identidade discursiva de imparcial e objetiva a fim de que, a princípio, chamem a atenção do leitor e, por último, conquistem sua adesão. Em outras palavras, paralelamente à construção das identidades de Rouseff e Serra, os enunciadores *VEJA* e *IstoÉ* instauram um *ele* em seus enunciados e deixam-no falar, tecendo para os magazines o simulacro da neutralidade. Sendo tal construção discursiva bem-sucedida, o leitor se tornará um leitor fiel, que tomará repetidamente contato com o

<sup>35</sup> O slogan pode ser lido ao se acessar o site da respectiva revista: <<http://www.istoe.com.br/capa>>.

veículo midiático em questão e, conseqüentemente, pensará conforme a ideologia que lhe é subjacente.

Tal simulacro de supostas objetividade e imparcialidade, como mostramos, é atingido, entre outros recursos, por meio dos procedimentos enunciativos. Entretanto, como assegura Hernandez (2012, p. 29), “a visão de mundo do jornal paira sobre seu produto e é indissociável de qualquer um dos seus recursos expressivos e de seus conteúdos”. Afinal, como apontado ainda no início desta dissertação, é impossível enunciar sem expressar posicionamentos, ainda que veladamente (FONTANILLE, 2011).

Se, desta perspectiva, considerarmos que muitos dos textos-enunciados produzidos no meio jornalístico concernem ao discurso político<sup>36</sup>, entendemos que, a serviço dos mais diversos interesses governamentais ou empresariais, um jogo de imagens é criado discursivamente na TV e na internet<sup>37</sup>, por exemplo, a fim de que uns sejam beneficiados e outros, aviltados. Consoante Landwoski (1992, p. 10), o discurso político “realiza certos tipos de *atos sociais transformadores das relações intersubjetivas (...)*, estabelece sujeitos ‘autorizados’ (com ‘direito à palavra’), instala ‘deveres’, cria ‘expectativas’, instaura a ‘confiança’, e assim por diante”. Ora, o que vimos em nossa pesquisa e esperamos ter demonstrado ao leitor é que os textos sincréticos de *VEJA* e *IstoÉ*:

- a) instauram os sujeitos autorizados a falar e a fazer-saber, os próprios magazines, “dignos” da confiança dos leitores;
- b) introduzem os actantes do enunciado autorizados a falar, porém, de um modo que sirva à ideologia do enunciadador;
- c) e manipulam o enunciatário para um dever-fazer ao sugerir que um dado presidencial, e não outro, merece confiança.

Mostramos ainda que, em se tratando de textos jornalísticos ou, mais exatamente, de capas de revistas, aos mecanismos enunciativos articulam-se os elementos de ordem plástica. No texto sincrético, portanto, as identidades

---

<sup>36</sup> A ser compreendido aqui não apenas como o discurso produzido por governantes, mas como o que respeita às questões políticas.

<sup>37</sup> Poderíamos aqui mencionar outras plataformas midiáticas, porém decidimos citar apenas essas duas por serem, cremos, aquelas às quais a população média brasileira mais tem acesso, atualmente.

discursivas tecidas e os efeitos de sentido gerados dependem de vários componentes discursivos, verbais e visuais. Na verdade, pode-se afirmar que dependem da enunciação sincrética a que procede o enunciador. Como já posto, *VEJA* e *IstoÉ* valem-se de distintas substâncias, mas compõem uma única forma da expressão e do conteúdo. Portanto, não cabe pensar que o leitor apreende a enunciação verbal e a enunciação da dimensão plástica do plano da expressão para, então, crer e entender que a imagem conferida a Rousseff na capa da edição 2186 de *VEJA* é, em linhas gerais, negativizada. O que ele capta e apreende é a enunciação sincrética. Por conseguinte, o sentido é atribuído à totalidade textual, e o fazer interpretativo toma em consideração, assim cremos, as possibilidades de leitura das quais o próprio texto, verbovisualmente, é grávido.

Como demonstramos ainda com relação à capa anteriormente mencionada, os elementos da dimensão plástica permitem ao leitor apreender determinadas isotopias temáticas e figurativas, desde que, evidentemente, proceda-se à homologação entre os planos da expressão e do conteúdo.

Se tínhamos, então, a hipótese de que a identidade discursiva tecida para Rousseff correspondia, *grosso modo*, a uma negatividade e a construída para Serra, a uma positividade, entendemos que a presente análise faz com que nossa hipótese não apenas se mostre pertinente, mas também se torne uma conclusão.

O exame das relações entre plano de expressão verbovisual e plano do conteúdo presentes nas capas das edições 2186 de *VEJA* e 2136 de *IstoÉ* mostraram que o actante do enunciado Serra tem construído para si um simulacro de independente de seu partido e de consciente de seu saber, embora também seja identificado como mentiroso. Em contrapartida, o actante Rousseff é apresentado como dependente do partido e vacilante em seus conhecimentos, além de também ser criado para ela um efeito de sentido concernente à mentira.

A avaliação das capas das edições 2153 e 2161 de *VEJA*, por sua vez, evidenciaram qual candidato era preferido por esse enunciador ou, melhor, qual sua orientação argumentativa. Nos textos em questão, as operações enunciativas acionadas verbal e plasticamente teceram para Serra a identidade discursiva de competente e preparado para a Presidência. Do mesmo modo, construiu-se textualmente para Rousseff o simulacro de incompetente e submissa ao PT, na tentativa de persuadir o enunciatário de sua inaptidão para o cargo mais alto do

País. Nesta capa, há também um investimento nos semas /antigo/ e /novo/, atribuídos, respectivamente, a Rousseff e a Serra.

Por último, o estudo das capas das edições 2113 e 2119 de *IstoÉ* mostraram-nos uma identificação entre o discurso do enunciador e do interlocutor. Mais uma vez, Serra é, discursivamente, competente, engajado politicamente e constitui /novidade/ para os rumos políticos do Brasil, por ser indicado como não reacionário. Rousseff, porém, é apresentada, novamente, como dependente do PT e herança direta de Lula. Ademais, não se constrói para ela o simulacro de presidenciável, mas, antes, a revista dissimuladamente reproduz concepções preconceituosas respeitantes aos gêneros feminino e masculino, disforizando-a para o (e)leitor.

De modo geral, constituem oposições fundamentais dos textos analisados os semas *competência vs. incompetência* ou *ser vs. parecer*, pois os enunciadores manipulam os elementos do texto a fim de persuadir o enunciatário a crer na (in)competência de um dos candidatos apresentados ou, pelo menos, em seu *parecer* (in)competente. Pela manipulação dos mecanismos enunciativos, bem como de sua face plástica – por meio das categorias cromáticas, eidéticas e topológicas –, cria-se um efeito de realidade “que conduz o destinatário à aceitação dos valores que se procura passar.” (BARROS, 2011, p. 61).

Após a análise das seis capas de *VEJA* e *IstoÉ*, podemos concluir, portanto, que a dimensão plástica do plano da expressão parece atizar, nos leitores, a *paixão da curiosidade* (HERNANDES, 2012), além de aumentar a força persuasiva da linguagem verbal. Quando articulados nas capas analisadas, os elementos verbais e plásticos criam um jogo de imagens que manipula o leitor, a fim de fazê-lo *identificar* o universo do discurso com o seu universo de valores e crenças.

Cientes, porém, de que o estudo da identidade discursiva e do processo semiótico não se esgota nas análises aqui executadas, lançamos a sugestão de que trabalhos futuros abordem os aspectos tensivos e sociossemióticos envolvidos na construção de simulacros em textos sincréticos. Por exemplo, poder-se-iam investigar as disposições passionais subjacentes ao texto da capa da edição 2186 de *VEJA*, que, para o leitor, antes de fazer sentido, parece fazer sofrer, em sentido lato.

Semelhantemente, também seria interessante aprofundar estudos sobre o sincretismo a partir do mesmo ponto de vista, a saber, da tensividade, como já

propõe Tomasi (2012), ao aproximar o conceito de sincretismo, de Hjelmslev, ao de fusão, de Zilberberg. Nesta perspectiva ou em outras mais alinhadas à semiótica discursiva tradicional, é possível analisar diversos textos sincréticos além dos já conhecidos, como *podcasts/videocasts*, vinhetas de seriados ou sites de governos.

Quanto a esta última proposta, damos como exemplo a página na Internet da chanceler da Alemanha<sup>38</sup>, que oferece muitos recursos que, se analisados, revelariam bastante da identidade discursiva da governante alemã ou do país correspondente. Sugerimos ainda o sítio da Presidência da República do Brasil<sup>39</sup>, no qual se encontram as informações oficiais pertinentes ao governo exercido pela atual presidente do País, Dilma Rousseff. Por meio de tais informações, por exemplo, seria possível analisar também o simulacro tecido para nosso País e para sua presidente.

Quaisquer que sejam, porém, os objetos, interessa i) que a significação seja o objeto de estudo, analisado segundo o percurso gerativo do sentido, e ii) que sejam tratados como resultantes de uma enunciação, que, segundo Landowski (1992, p. 167), é “nada mais, porém nada menos tampouco, que o *ato pelo qual o sujeito faz o sentido ser*”, sendo o texto-enunciado, por seu turno, “*o objeto cujo sentido faz o sujeito ser*”.

---

<sup>38</sup> Acessível no sítio <<http://www.bundeskanzlerin.de/Webs/BK/De/Homepage/home.html>>.

<sup>39</sup> Acessível no endereço <<http://www2.planalto.gov.br/>>.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Editora Ática, 2011.

\_\_\_\_\_. Rumos da semiótica. **Todas as letras**. São Paulo, volume 9, n.1, p. 12-23, 2007.

\_\_\_\_\_. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. 3 ed. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2001.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral I**. 5 ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

\_\_\_\_\_. **Problemas de lingüística geral II**. 2 ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

BERTRAND, Dennis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru: EDUSC, 2003.

CAETANO, Kati. A propósito de um sincretismo intermediário. In: OLIVEIRA, Ana Claudia; TEIXEIRA, Lucia. (Orgs.). **Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009. p. 247-265.

CÂMARA JR., Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática**. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

CARTA, Mino. Até o papa apoia Serra. **Carta Capital**, São Paulo, p. 18, 3 nov. 2010. Edição especial.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. Coordenação da tradução de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2008.

COSERIU, Eugenio. **Lições de lingüística geral**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

DISCINI, Norma. História em quadrinhos: um enunciado sincrético. In: OLIVEIRA, Ana Claudia; TEIXEIRA, Lucia. (Orgs.). **Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009. p. 185-214.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática (Série Princípios, 137), 1988.

\_\_\_\_\_. **Em busca do sentido**. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. **Elementos de análise do discurso**. 15 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

\_\_\_\_\_. Para uma definição das linguagens sincréticas. In: OLIVEIRA, Ana Claudia; TEIXEIRA, Lucia. (Orgs.). **Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009. p. 15-40.

\_\_\_\_\_. Semiótica e comunicação. **Revista Galáxia**. São Paulo: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica, n. 8, p. 13-30, out. 2004.

\_\_\_\_\_. Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva. **Revista D.E.L.T.A.**, São Paulo, vol. 15, nº 1, p. 177-207, 1999.

FLOCH, Jean-Marie. Semiótica plástica e linguagem publicitária: análise de um anúncio da campanha de lançamento do cigarro “News”. In: OLIVEIRA, Ana Claudia; TEIXEIRA, Lucia. (Orgs.). **Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009. p.145-167.

\_\_\_\_\_. **Petite mythologie de l’oeil et de l’esprit** – pour une sémiotique plastique. Paris-Amsterdã: Hadès-Benamins, 1985.

FONTANILLE, Jacques. **Semiótica do discurso**. São Paulo: Contexto, 2011.

\_\_\_\_\_. **Significação e visualidade**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

GONÇALVES, Eduardo Raymundo de Lima. **Mídia e movimentos sociais: a representação do MST na revista IstoÉ**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

GREIMAS, A.J.; COURTÉS, J.. **Dicionário de Semiótica**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

\_\_\_\_\_. **Dictionnaire raisonné de la théorie de langage, tomo 2**. Paris: Hachette, 1986.

\_\_\_\_\_. **Semântica estrutural**. São Paulo: EDUSP/Cultrix, 1976.

\_\_\_\_\_. A enunciação: uma postura epistemológica. Significação. **Revista Brasileira de Semiótica**, Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas, Ribeirão Preto (SP), nº 1, p. 09-25, 1974.

\_\_\_\_\_. Semiótica figurativa e semiótica plástica. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de. (org.). **Semiótica plástica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004. p. 75-96.

HERNANDES, Nilton. **A Revista Veja e o discurso do emprego na globalização: uma análise semiótica**. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_. **Semiótica dos jornais: análise do Jornal Nacional, Folha de São Paulo, Jornal da CBN, Portal UOL, revista Veja**. 2005. 324 f. Tese (Doutorado em

Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_. **A mídia e seus truques:** o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

HJELMSLEV, Louis. **Ensaio linguísticos.** São Paulo: Perspectiva, 1991.

\_\_\_\_\_. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem.** 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

LANDOWSKI, Eric. **A sociedade refletida.** São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

\_\_\_\_\_. **Presenças do outro.** São Paulo: Perspectiva, 2002.

MONTEIRO, Ricardo. Da canção ao videoclipe: análise do texto sincrético audiovisual A minha alma, do grupo Rappa. In: OLIVEIRA, Ana Claudia; TEIXEIRA, Lucia. (Orgs.). **Linguagens na comunicação:** desenvolvimentos de semiótica sincrética. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009. p. 293-321.

OLIVEIRA, Ana Claudia de. A plástica sensível da expressão sincrética e enunciação global. In: OLIVEIRA, Ana Claudia e TEIXEIRA, Lucia. (Orgs.). **Linguagens na comunicação:** desenvolvimentos de semiótica sincrética. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009. p. 79-140.

\_\_\_\_\_.; TEIXEIRA, Lucia. (Orgs.). **Linguagens na comunicação:** desenvolvimentos de semiótica sincrética. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. **Semiótica visual:** os percursos do olhar. São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_. **Análise do texto visual:** a construção da imagem. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

RODRIGUES, Carlos Augusto Alfeld. **Os gostos de Superbonita e Contemporâneo do GNT na formação de identidades do feminino e do masculino brasileiro.** 2008. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Comunicação e semiótica.** 1. ed. São Paulo: Hacker, 2004.

SANTOS, Anderson do. **O espetáculo na política brasileira:** a despolitização do político por meio das imagens de Fernando Collor nas capas da revista VEJA (1988-1992). 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

SANTOS, Edson Alves dos. **O sincretismo de sistemas nas primeiras páginas da Folha de São Paulo e Agora São Paulo**. 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

SARAIVA, José Américo Bezerra. **Pessoal do Ceará: a identidade de um percurso e o percurso de uma identidade**. 2008. 358 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

\_\_\_\_\_. Sujeito do discurso, crise de identidade e poéticas contemporâneas. **Revista Casa – Cadernos de Semiótica Aplicada**, São Paulo, v. 9, nº 2, p. 1-21, dez. 2011.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de lingüística geral**. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

TATIT, Luiz. Abordagem do texto. In: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à Linguística I: objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2011.

TEIXEIRA, Lucia. Achados e perdidos: análise semiótica de cartazes de cinema. In: LARA, Gláucia Muniz Proença; MACHADO, Ida Lucia e EMEDIATO, Wander (Orgs.). **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 169-198.

TEIXEIRA, Lucia. Para uma metodologia de análise de textos verbovisuais. In: OLIVEIRA, Ana Claudia; TEIXEIRA, Lucia. (Orgs.). **Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009. p. 41-77.

TOMASI, Carolina. O sincretismo revisto segundo o conceito de mestiçagem de Zilberberg. **Revista Casa – Cadernos de Semiótica Aplicada**, São Paulo, v. 10, nº 1, p. 1-12, jul. 2011.

WÖLFFLIN, Heinrich. **Conceitos fundamentais da história da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

## ANEXO A – CAPA DA EDIÇÃO 2186 DE VEJA (09.10.2010)



## ANEXO B – CAPA DA EDIÇÃO 2136 DE ISTOÉ (20.10.2010)



## ANEXO C – CAPA DA EDIÇÃO 2153 DE VEJA (24.02.2010)



## ANEXO D – CAPA DA EDIÇÃO 2161 DE VEJA (17.04.2010)



ANEXO E – CAPA DA EDIÇÃO 2113 DE ISTOÉ (12.05.2010)

EXCLUSIVO Exército constrói um condomínio de luxo só para os generais

www.istoec.com.br

# ISTOÉ

“Aborto não é questão de foro íntimo, mas de saúde pública”

“No meu governo, o BC terá dois olhos: um para a inflação, outro para o emprego”

“Lula me escolheu quatro vezes”

“Namorar faz todo o bem do mundo. Recomendo”

R\$ 8,90  
12 MAI/2010  
ANO 34  
Nº 2113

Em entrevista exclusiva, a candidata do PT fala de sua intimidade, de seus planos, da relação com Lula e diz como está se preparando para o dia “D” de sua campanha, que é a estreia na televisão nesta semana

## DILMA POR DILMA

## ANEXO F – CAPA DA EDIÇÃO 2119 DE ISTOÉ (23.06.2010)



## ANEXO G – LOGOMARCA DO PSDB



## ANEXO H – CAPA DA EDIÇÃO 2117 DE ISTOÉ (09.06.2010)

